



**INSTITUTO FEDERAL**  
Catarinense

**PANORAMA DAS BIBLIOTECAS DA REDE FEDERAL  
DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA:  
UM OLHAR SOBRE A GESTÃO**

**CAROLINE DA ROSA FERREIRA BECKER  
MAROUVA FALLGATTER FAQUETI**



PANORAMA DAS BIBLIOTECAS DA REDE FEDERAL  
DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA:  
UM OLHAR SOBRE A GESTÃO





**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA CATARINENSE**

**Reitora**

Sônia Regina de Souza Fernandes

**Pró-Reitor de Administração e Planejamento – PROAD**

Delides Lorensetti

**Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional – PRODIN**

Robert Lenoçh

**Pró-Reitoria de Ensino - PROEN**

Josefa Surek de Souza

**Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação – PROPI**

Cladecir Alberto Schenkel

**Pró-Reitor de Extensão – PROEX**

Fernando José Garbuio



CAROLINE DA ROSA FERREIRA BECKER  
MAROUVA FALLGATTER FAQUETI

PANORAMA DAS BIBLIOTECAS DA REDE FEDERAL  
DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA:  
UM OLHAR SOBRE A GESTÃO

BLUMENAU  
2015

## Coordenação editorial

José Carlos Brancher  
Michel Goulart da Silva

## Conselho Editorial

André Alexandre Antunes  
Cladecir Alberto Schenkel  
Cristiano Hehr Garcia  
Estela Mari Piveta Pozzobon  
Luís Gomes de Moura Neto  
Maria Aparecida Rodrigues de Souza  
Saulo Rodrigues e Silva  
Siomara Cristina Broch

## Revisão

Kamila Caetano Almeida

## Projeto gráfico e diagramação

Júlia Fuchshuber dos Santos e Sonia Trois

B395p

Becker, Caroline da Rosa Ferreira

Panorama das bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica: um olhar sobre a gestão. / Caroline da Rosa Ferreira Becker, Marouva Fallgatter Faqueti. – Blumenau : IFC, 2015.  
108 p. ; 21 cm

Bibliografia: p. 93-101.

ISBN 978-85-68261-07-1..

1. Bibliotecas – Administração. 2. Serviços de informação. 3. Bibliotecários. I. Faqueti, Marouva Fallgatter. II. Título.

CDD–020.68

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Deisi Martignago – CRB 14/726

Todos os direitos reservados ao

## Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense

Rua das Missões, 100 – Ponta Aguda  
Blumenau/SC – CEP: 89.051-000  
(47) 3331-7800  
publicacao@ifc.edu.br  
www.ifc.edu.br/proex

Impresso no Brasil



# Dedicatória

Este livro é dedicado a todas as bibliotecárias e bibliotecários que atuam na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), pela dedicação em prol de uma educação emancipadora, por meio do desenvolvimento e fortalecimento das bibliotecas da Rede.



# Agradecimentos

Agradecemos a Deus e a todos que, de alguma forma, colaboraram, direta ou indiretamente, para a realização deste estudo, em especial: aos colegas bibliotecários e dirigentes das instituições da RFEPCT; e ao Amigo Artur da Silva Moreira (presidente da Comissão Brasileira das Bibliotecas das Instituições da RFEPCT - Gestão 2011-2013), que incentivou este estudo e colaborou significativamente na coleta e organização de dados.

Agradecemos também aos nossos familiares: Izete e Leonides, Rogério, Isabelle Maria e Arthur Bernardo (mãe, pai, esposo, filha e filho da Carol, respectivamente) e Enir, Amanda e Alini (esposo e filhas da Marouva, respectivamente), pelo entendimento de nossa ausência, principalmente nas madrugadas e finais de semana dedicados aos estudos, pesquisas e concretização desta obra.



# Sumário

Dedicatória.....	7
Agradecimentos.....	9
Apresentação.....	13
Prefácio.....	19
1. Introdução.....	23
2. Educação na Sociedade da Informação.....	31
3. Bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.....	39
3.1. Uma nova identidade para as bibliotecas da Rede.....	41
3.2. Comissão Brasileira de Bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.....	43
4. Gestão de Bibliotecas.....	47
4.1. A organização e os serviços em bibliotecas.....	51
4.2. O Bibliotecário como gestor.....	60
5. O diagnóstico das Bibliotecas da RFEPECT.....	67
5.1. Caracterização dos respondentes.....	69
5.2. Estrutura organizacional.....	69
5.3. Composição dos acervos.....	76
5.4. Espaço Físico.....	78
5.5. <i>Software</i> de gestão de bibliotecas.....	82
5.6. Serviços oferecidos.....	84
5.7. Equipe.....	85
5.8. Acessibilidade.....	87
6. Considerações finais.....	89
Referências.....	93
Apêndice.....	103



# Apresentação

Nossa história se inicia no final de 2008, quando foi publicada, no Diário Oficial da União, a Lei nº 11.892, de 29 de dezembro, que instituía a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e criava os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

Essa reestruturação da Rede Federal de Educação Profissional exigiu mudanças radicais em todo o ambiente organizacional das antigas Escolas Técnicas, Agrotécnicas, UNEDs e CEFETs, que possuíam suas particularidades no oferecimento de determinados cursos (a maioria voltada para o ensino médio técnico), e passaram a integrar uma nova concepção na tríade ensino, pesquisa e extensão.

Anteriormente à reorganização da RFEPT, a maioria dos bibliotecários existentes atuava em bibliotecas cujo público-alvo era composto, em grande parte, por alunos de cursos técnicos de nível médio, ou seja, tratava-se de bibliotecas caracterizadas como escolares. Com a reestruturação da Rede e a implantação dos IFs, esses bibliotecários que atuavam isoladamente passaram a compor uma nova estrutura, agora *multicampi*, o que exigiu mudanças radicais na postura desse profissional, que agora não trabalhava mais sozinho, mas teria parceiros e deveria organizar-se para tal. Além do público escolar, as bibliotecas passaram a ter como usuários alunos do ensino superior. Nesse sentido, seu ambiente necessitava ser remodelado, para estimular novas descobertas informacionais tanto nos usuários de biblioteca escolar como também nos usuários de biblioteca universitária.

Deu-se, assim, início à maior mudança organizacional de inúmeras escolas técnicas, agrotécnicas, CEFETs e de escolas vinculadas a universidades. E nós, bibliotecários, que vivenciamos este momento, deparamo-nos com a necessidade de nos redescobrirmos na profissão para dar conta da nova realidade.

No caso específico da instituição a que pertencemos – o Instituto Federal Catarinense (IFC) –, em 2009 só havia duas bibliotecárias ativas, hoje somos 14. Portanto, havia a necessidade de se buscar urgentemente *soluções gerenciais para integrar as bibliotecas do IFC de forma sistêmica*, e o primeiro passo seria adquirir o sistema de gerenciamento das coleções e serviços para uso em todas as bibliotecas. Vale ressaltar que já havia uma clara noção entre as bibliotecárias do caminho a se seguir: “integrar para crescer”. O Reitor, naquela época, em alguns momentos,

foi resistente em aceitar nossas reivindicações. Galgaram-se algumas vitórias, mas precisávamos de mais força para conquistar o que era preciso para as nossas bibliotecas.

Em 2010, uma de nós participou do V Fórum Nacional de Bibliotecários dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (V FNBIFF's), em Natal, RN, organizado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte, dando, assim, sequência aos encontros de bibliotecários promovidos pelos antigos CEFETs. Lá, em contato com vários bibliotecários de Institutos Federais (IFs), a participante pôde ter a nítida percepção do quanto precisávamos nos unir para construir conhecimentos sobre o gerenciamento das bibliotecas no novo contexto que se apresentava.

Foi no VI Fórum, realizado em Petrolina (PE), no ano de 2011, que os bibliotecários reunidos deram um importante passo no sentido de fortalecer os laços, criando a Comissão Brasileira de Bibliotecas da RFEPCT – CBBI. Ela nasceu com o objetivo inicial de articular os saberes deste grupo de bibliotecários em busca da garantia de novas políticas para as bibliotecas da Rede. E nós lá estávamos presentes e fomos escolhidas: uma para representar a Região Sul, para compor a recém-criada Comissão Brasileira de Bibliotecas da RFEPCT – CBBI, sob a presidência de Artur Moreira da Silva, e outra para coordenar o grupo de trabalho Gestão de Bibliotecas. Os Grupos de Trabalho (GTs) foram criados a partir da necessidade de estruturação de um trabalho contínuo e sistemático de temas mais relevantes e recorrentes às atividades das bibliotecas que compõem a RFEPCT.

Observem o que esta mudança organizacional, movida de cima para baixo, por meio de um decreto de lei, provocou na vida das pessoas que trabalhavam nas instituições. No nosso caso, consideramos que a mudança foi altamente positiva, pois exigiu um reposicionamento profissional, de assunção de uma conduta muito mais proativa e criativa para conseguir gerenciar a biblioteca nesse cenário de turbulência. Claro que nossa decisão em assumir os cargos da CBBI foi audaciosa, pois não sabíamos em que mares navegaríamos, em virtude de a época ser o início da reestruturação da RFEPCT.

Porém, aventurar-se a pesquisar e entender o ambiente de trabalho é algo que nos motiva, nos incentiva e faz-nos re-pensar e aprender. Aliás, aprender é algo que nos fascina, e acreditamos que, se as pessoas se deixassem encantar pelo fascínio do aprendizado, teríamos um mundo mais colorido, mais humano. Claro que esse aprendizado deve ser compartilhado, e esse foi o pensamento precursor de toda essa nossa aventura que se iniciou há 6 anos.



Uma de nós, como coordenadora do grupo de trabalho Gestão de Bibliotecas, após ter pesquisado durante o mestrado sobre a gestão de bibliotecas do Instituto Federal Catarinense, teve, no ano de 2013, a curiosidade de entender, e também precisava conhecer, em virtude de ter assumido a coordenação, como estava a gestão das bibliotecas da RFEPC. A outra, como membro do GT Gestão e representante da região Sul da CBBI, e como amiga e parceira no trabalho, apoiou prontamente a ação. A ideia era aplicar o questionário de sua dissertação, com algumas adaptações, nas bibliotecas que compõem a RFEPC no país, para poder compreender o cenário.

Na verdade, não tínhamos a dimensão clara da complexidade de se realizar um estudo com abrangência nacional e muito menos a intenção de sermos escritoras. Nossa intenção era conhecer a situação real de como as bibliotecas da Rede estavam sendo estruturadas e geridas. Precisávamos desse conhecimento para poder avançar nas discussões sobre a temática. Executar essa tarefa realmente foi algo inusitado e desafiador, mas nossa determinação foi mais forte do que o pensar no “trabalho” que daria. Além disso, tivemos um parceiro fundamental no início da caminhada: Artur da Silva Moreira, na época presidente da CBBI, amigo de muitas conversas e aprendizados, que prontamente apoiou a ideia e nos ajudou de forma decisiva na coleta de dados. Porém, em determinado momento, por razões pessoais, optou por não seguir o caminho conosco. Embora na ocasião lamentássemos, respeitamos a sua atitude e temos muita consideração por sua pessoa e por seu profissionalismo.

Os desafios foram muitos - mudar estratégias, re-pensar algumas ações, cobrar-se e ser cobrado em muitos momentos. Durante o processo, o senso de responsabilidade foi crescendo à medida que o número de respostas obtidas foi alcançando as metas delineadas. Impossível negar a satisfação ao analisarmos que esse quantitativo de respostas nos permite afirmar que o nível de confiança dos dados gerados alcança o patamar de 95%. Assim, os resultados obtidos podem efetivamente servir de fundamento para que as bibliotecas da Rede possam planejar seu futuro e ter respaldo para argumentar com seus gestores na busca da melhoria contínua de seus serviços.

Enfim, tudo valeu muito a pena, pois tivemos uma parceria, uma cumplicidade, uma verdade e uma dedicação não apenas enquanto colegas de trabalho, mas como amigas de coração. Além disso, podemos afirmar que o respaldo e o apoio dos bibliotecários em nível nacional nos fortaleceram, gerando mais segurança sobre os caminhos a serem trilhados.

A oportunidade de participar do Edital para publicação de livros da Pró-Reitoria de Extensão do IFC e a gratidão de termos conseguido sua

aprovação nos encheu de alegria, e nos fez refletir sobre o quanto ainda podemos e devemos contribuir para o desenvolvimento das bibliotecas da RFEPECT. Esse conjunto de mais de 500 bibliotecas das instituições que compõem a RFEPECT, de norte a sul do Brasil, pode fazer a diferença, contribuindo cada vez mais para o fortalecimento da aprendizagem, da pesquisa, da criação de novos conhecimentos, desenvolvendo a competência informacional, o prazer da leitura, enfim, colaborando para transformar muitas vidas.

Concluimos, assim, esta narrativa, enfatizando que existe um processo sistêmico e complexo entre o *eu*, o *outro* e a organização onde se trabalha. Somos corresponsáveis por tudo o que acontece a nossa volta. Nossos sentimentos, pensamentos e ações interferem no meio em que vivemos, e o inverso é igualmente significativo; afinal, a vida pulsa em sentido circular ascendente. Como diz Freire, aprendemos enquanto ensinamos e ensinamos enquanto aprendemos. Acreditamos no desenvolvimento de ações de forma integrada e compartilhada, partindo da visão de que juntos minimizamos esforços e maximizamos bons frutos.

*Carinhosamente,*  
*Carol e Marouva.*





# Prefácio

Este livro sobre biblioteca chega em momento oportuno porque trata de uma instituição ainda não de todo consolidada no Brasil. Essa situação, por si só, implicaria debates e esclarecimentos que vão desde questões histórico-conceituais, passando por aspectos técnicos e tecnológicos, bem como de gestão e de políticas. No entanto, o que se pode observar, ao longo da história da humanidade, é que as bibliotecas sempre tiveram a mesma função, qual seja, a de reunir, organizar, preservar e disseminar a informação; o que mudou, em sua trajetória, foram as tecnologias (que vão, grosso modo, desde a argila ao objeto eletrônico) e a ênfase em uma ou outra função, a depender do momento histórico.

Na contemporaneidade, essas quatro macrofunções praticamente ocorrem com a mesma ênfase, principalmente se considerarmos que a filosofia das sociedades democráticas é, cada vez mais, ampliar o acesso e as condições de uso de todos os registros do conhecimento. Este particular é que singulariza as bibliotecas: nelas – sejam nacionais, públicas, escolares ou universitárias – está registrada toda a trajetória intelectual da humanidade.

Ante o exposto, ser convidada a prefaciar um livro sobre bibliotecas é muito honroso. Especialmente este, por se tratar de uma obra cujo objetivo é trazer a público a experiência dos bibliotecários dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia após a reorganização da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, representada pelos Institutos Federais, cuja inserção no cenário brasileiro se orienta a capilarizar o ensino profissional de alto nível, medida que seguramente vem impactando positivamente a questão da empregabilidade, com qualidade, no país.

É neste ambiente que se movem os bibliotecários e as bibliotecas da Rede, já apresentando, com esta publicação, resultados de sua ação, alinhada à missão dos IFs de “[...] garantir a perenidade das ações que visem a incorporar, antes de tudo, setores sociais que historicamente foram alijados dos processos de desenvolvimento e modernização do Brasil [...]”.

O caminho trilhado pelas autoras – Caroline Becker e Marouva Faqueti –, ao apresentar um panorama sobre as bibliotecas da Rede, desde o ponto de vista de sua gestão, demonstra uma elevada consciência profissional, porquanto o requisito básico para uma gestão de qualidade é, antes de tudo, conhecer a organização; isso se entendermos por gestão a administração dos recursos requeridos para o desempenho organizacional e das variáveis

envolvidas, assim como a tomada de decisão, tendo em vista harmonia dessas variáveis, as quais discrimino a seguir: as pessoas (responsáveis por pensar a organização e por executar tarefas); a estrutura organizacional (representativa dos diferentes setores que integram a organização e suas respectivas funções, relações hierárquicas e processos comunicacionais); as tarefas (o conjunto de atividades relativas a serviços e produtos); a tecnologia (conhecimentos e equipamentos necessários para a realização das tarefas); o ambiente (espaço de convivência de todos esses elementos); e a busca da otimização na oferta de serviços e produtos bibliotecários.

Iniciativa dessa natureza, quando decorre de um processo de alinhamento do planejamento e da gestão à missão da instituição onde as bibliotecas estão inseridas, constitui-se um fator de sucesso não só para os gestores das bibliotecas e da instituição que as contém, mas para a obtenção de um elevado nível de satisfação por parte daqueles que são razão de ser da organização: o estudante, o professor, enfim, o usuário.

Como meritória iniciativa de trazer à luz a situação e a recente experiência das 317 bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPECT), este livro deve servir de incentivo para outros trabalhos que venham registrar boas práticas e, assim, contribuir para o aperfeiçoamento dos saberes e fazeres no setor bibliotecário, tanto no âmbito dos IFs quanto de outras instituições similares.

Cumprimentando as autoras pela obra que ora apresentam, estendo minhas saudações aos demais colegas da Rede.

***Nídia M. L. Lubisco***

Doutora em Documentação

Docente da Universidade Federal da Bahia







# 1. Introdução

A história das bibliotecas já passou e ainda passa por momentos de muita “turbulência”, ou, como escreve Bauman (2001), de muita liquidez. Ora as bibliotecas foram locais valorizados, ora desprezados; ora seus livros foram usados, ora queimados; ora locais de uso democrático, ora locais de uso antidemocrático; ora presente nas instituições educacionais, ora ausente; ora local para incentivo à leitura, ao conhecimento, ao saber e ao aprendizado, ora local de depósito de livros e de outras coisas mais que não se tem onde guardar.

As bibliotecas de instituições educacionais brasileiras também sofreram com essa liquidez, essa fluidez e essa turbulência. Entretanto, o cenário brasileiro dessas bibliotecas atualmente vem sendo outro. Com a promulgação da Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País, e preconiza que as instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas num prazo máximo de 10 anos, percebe-se um aumento de instituições educacionais com bibliotecas ou salas de leitura. Importante salientar que sala de leitura não equivale à biblioteca, porém são esses os dois espaços analisados pelo Censo Escolar da Educação, pesquisa realizada no país anualmente, que oferece subsídios para se analisar o quantitativo de bibliotecas ou salas de leitura nas instituições educacionais. Também essa pesquisa avalia se existe ou não o espaço da biblioteca ou sala de leitura, sem analisar como está composto e organizado este espaço em relação à qualidade do acervo, ao tamanho do espaço físico, ao quantitativo de locais para estudos, à equipe de pessoal, à presença do bibliotecário, entre outros.

Pode-se observar o crescimento do número de bibliotecas ou salas de leitura nas instituições públicas que oferecem o ensino médio (terceiro nível da educação básica brasileira, que tem como alunos jovens de, em média, 15 a 17 anos), se compararmos os Censos de 2009 e de 2013. Em 2009, 74,2% dos alunos do ensino médio de instituições públicas possuíam acesso à biblioteca ou sala de leitura (BRASIL, 2010). Já no Censo de 2013, há um aumento considerável nesse índice, passando para 92,2% os alunos do ensino médio de instituições públicas que tinham acesso à biblioteca ou sala de leitura (INSTITUTO, 2014). Esses dados referem-se a instituições públicas que ofertam apenas o ensino médio e também a instituições públicas que ofertam o ensino médio integrado à educação profissional.

Sobre o Ensino Médio integrado à educação profissional, o Censo Escolar 2013 (p. 21) destaca que:

[...] estratégias como a ampliação da educação profissional integrada ao ensino médio – com a apropriada flexibilização e diversificação curricular, considerando as aptidões e expectativas de formação profissional e educacional dos estudantes e em sincronia com os arranjos produtivos locais – podem tornar o ensino médio mais atrativo, permitindo que o aluno vislumbre nessa etapa não apenas o caminho para a educação superior, mas também uma possibilidade concreta de qualificação para o trabalho.

Também há 7 anos, em 2009, no resultado do Censo da Educação Básica (INSTITUTO, 2010, p.15) em relação à Educação Profissional, eram “[...] expressivas as proporções de alunos com acesso às bibliotecas, totalizando 85%”. A Educação Profissional no Brasil é ofertada por instituições públicas e privadas, porém, “[...] nos últimos 6 anos, a Rede Federal mais que dobrou a oferta de matrículas da educação profissional, com um crescimento de 108%” (INSTITUTO, 2014, p. 29).

A Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPECT) é composta por 38 Institutos Federais (IFs), 2 Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), 25 escolas vinculadas a Universidades, o Colégio Pedro II e uma Universidade Tecnológica (BRASIL, 2014a). Essa atual composição é fruto de um processo de reestruturação promulgada pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Na ocasião, a Rede era assim organizada: 31 CEFETs, 75 Unidades Descentralizadas de Ensino (UNEDs), 39 Escolas Agrotécnicas, 7 Escolas Técnicas Federais e 8 Escolas vinculadas a universidades.

No processo histórico de constituição, a Rede de Educação Profissional foi composta por instituições que possuíam outras nomeações, tais como: Escolas de Aprendizes e Artífices, cuja criação data de 1909; Liceus Industriais, de 1937; Escolas Industriais e Técnicas, de 1942; Escolas Técnicas Federais, datadas de 1959. Incorporam-se, a esse conjunto, as Escolas Agrícolas em 1967; e, em 1978, criaram-se os primeiros Centros Federais de Educação Tecnológica. Em 2008, por fim, tais instituições foram agrupadas por lei e receberam a atual designação, passando a IFs.

Os IFs surgem com um novo conceito de educação profissional e tecnológica, sem similar no mundo, afirma Pacheco (2011). Eles têm como característica e proposta a oferta de educação que forma e qualifica cidadãos com

vistas à atuação profissional nos diversos setores da economia, que desenvolve o espírito crítico e que estimula a pesquisa aplicada e a inovação tecnológica. Dentro de sua proposta político-pedagógica, os IFs ofertam: cursos de ensino médio integrado à educação profissional técnica de nível médio; ensino técnico em geral; graduações tecnológicas; licenciaturas e bacharelados; engenharias, bem como programas de pós-graduação *lato* e *stricto sensu*; e devem assegurar a formação inicial e continuada de trabalhadores. Nesse contexto, a transversalidade e a verticalização constituem aspectos que contribuem para a singularidade do desenho curricular nas ofertas educativas dessas instituições, sendo que 50% das vagas são destinadas à oferta de cursos técnicos (PACHECO, 2011).

A oferta diversificada de ensino, desde a formação inicial e continuada de trabalhadores até as pós-graduações, confere às instituições da RFEPCT uma natureza singular, uma vez que normalmente as estruturas educacionais do país, públicas ou privadas, não atendem numa abrangência desta magnitude. Vale também apontar que, quanto à modalidade, as instituições podem atuar no ensino presencial, semi-presencial e a distância.

Essa reestruturação da Rede Federal de Educação Profissional exigiu mudanças radicais em todo o ambiente organizacional das antigas Escolas Técnicas, Agrotécnicas, UNEDs e CEFETs, que possuíam suas particularidades no oferecimento de determinados cursos (a maioria destes cursos era voltada para o ensino médio técnico), e passaram a integrar uma nova concepção de ensino, pesquisa e extensão. O papel que está previsto para os IFs é o de garantir a perenidade das ações que visem a incorporar, antes de tudo, setores sociais que historicamente foram alijados dos processos de desenvolvimento e modernização do Brasil, o que legitima e justifica a importância de sua natureza pública e afirma uma educação profissional e tecnológica como instrumento realmente vigoroso na construção e resgate da cidadania e da transformação social (BRASIL, 2008b).

O acesso à educação, por si só, não tem como construir e resgatar a cidadania e realizar uma transformação social. Esse acesso deve ser embasado por uma integração curricular pautada na concepção de formação humana, “[...] com base na integração de todas as dimensões da vida no processo formativo. Essas dimensões são o trabalho, a ciência e a cultura” (RAMOS, 2008, p. 3).

O processo formativo acontece principalmente pelo acesso e uso da informação, e deveria haver, nas instituições educacionais, bibliotecas com bibliotecários que, em suas ações, oportunizassem a busca, o entendimento, a aprendizagem, o uso e a disseminação das informações para os usuários, o que afetaria diretamente as dimensões da vida do ser humano.

Trata-se de um imperativo, porque a realidade das bibliotecas de instituições educacionais brasileiras (especificamente as que oferecem educação infantil, ensino fundamental e médio), ainda é, em sua grande maioria, um local de depósito de livros com serviço de empréstimo, sem bibliotecário.

Entretanto, no processo de reorganização da Rede, garantiu-se a continuidade de bibliotecas e de bibliotecários nas Instituições já existentes, como também a criação de bibliotecas e a contratação de bibliotecários e auxiliares de biblioteca. Nesse sentido, as instituições pertencentes à RFEPCCT são um exemplo no país de sistema educacional que preconiza e realiza a instalação de bibliotecas e a contratação de bibliotecários para gerirem tais espaços. Porém, ter biblioteca e bibliotecário não garante, por si só, a oferta de uma biblioteca viva, uma biblioteca que contribua para a formação de leitor, para o desenvolvimento da competência informacional, para a autonomia no uso e entendimento da informação, uma biblioteca integrada às atividades de ensino, pesquisa e extensão, e, muito menos, a qualidade e a diversidade de produtos e serviços. Principalmente numa sociedade informatizada, em que o real e o virtual precisam caminhar juntos, é necessário contribuir para que os alunos façam uso adequado e eficaz da informação. Percebe-se, portanto, que a RFEPCCT entende a importância das bibliotecas, no desenvolvimento do sistema educacional brasileiro, e de bibliotecários para a gestão desses espaços.

Antes da reorganização da RFEPCCT, o bibliotecário atuava em uma unidade isolada e ali gerenciava a biblioteca, que possuía como usuários principalmente alunos do ensino médio técnico, ou seja, atendia ao público escolar. Com a reorganização da Rede e a implantação dos IFs, esses bibliotecários que atuavam isoladamente passaram a fazer parte de uma mesma instituição, o que possibilitou mais trocas, trabalho em parceria, atuação em sistemas e redes de bibliotecas. Além do público escolar, as bibliotecas passaram a ter como usuários alunos do ensino superior, pois, no desenvolvimento da sua ação acadêmica verticalizada, o IF deverá garantir o mínimo de 20% (vinte por cento) de suas vagas para atender cursos superiores de licenciatura e engenharias (BRASIL, 2008a).

Pacheco (2011) enfatiza que os IFs oferecem educação voltada para a atuação profissional em três níveis: 1) para os trabalhadores que necessitam de formação em nível superior para a realização de suas atividades profissionais; 2) para aqueles que precisam da formação em nível médio técnico, e 3) para aqueles que atuam em qualificações profissionais mais especializadas.

Em virtude de os IF oferecerem educação básica, profissional e superior, principalmente na forma de ensino médio técnico, e tendo em vista o que

dita a sua Lei de criação (BRASIL, 2008a, p. 2), segundo a qual, “para regulação, avaliação e supervisão das instituições e dos cursos de educação superior, os Institutos Federais são equiparados às universidades federais”, o ambiente de suas bibliotecas deve estar adequado para estimular novas descobertas informacionais tanto nos usuários de biblioteca escolar como também nos usuários de biblioteca universitária. E o papel do bibliotecário é essencial nesse sentido, pois, além de realizar atividades de processamento técnico do acervo, deve principalmente realizar ações que oportunizem ao usuário a autonomia na busca e no uso da informação.

Pacheco (2011) defende que a infraestrutura existente na Rede Federal, com instalações físicas já constituídas dos ambientes de aprendizagem, como as bibliotecas, é um fator que facilita um trabalho educativo de qualidade. Esse trabalho depende de bibliotecas integradas ao processo de ensino-aprendizagem. Também de ambientes que oportunizem a formação do aluno enquanto cidadão que vive numa sociedade informacional e que, muitas vezes, possui dificuldades para recuperar, interpretar, transmitir e utilizar essa grande quantidade de informação. Em suma, a qualidade em educação também requer a atuação de uma biblioteca, de instituição pública educacional, que cumpra com seu papel social e que não seja apenas um mero depósito de livros com serviço de empréstimo e devolução do acervo.

Nesse sentido, este estudo surgiu em virtude da necessidade de se conhecer, por meio de uma pesquisa científica em nível nacional, como está a gestão das bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), até em virtude da reorganização dessa Rede em 2008. Após algumas reuniões do Grupo de Trabalho Gestão de Bibliotecas, vinculado à Comissão Brasileira das Bibliotecas da RFEPCT, verificou-se a necessidade do levantamento de informações sobre as bibliotecas da Rede, para se entender como estão planejadas, organizadas e lideradas.

A presente obra está composta inicialmente por uma fundamentação teórica sobre a Educação na Sociedade da Informação e sobre Gestão de Bibliotecas. Também se contextualiza historicamente as Bibliotecas da RFEPCT (desde a sua criação em 1909 até os dias atuais), e a história da Comissão Brasileira de Bibliotecas da RFEPCT. Na sequência, os resultados e as discussões da pesquisa de campo, realizada junto a bibliotecários da Rede, são apresentados em três tópicos: a) planejamento: apresentando a estrutura organizacional das bibliotecas, em nível local e institucional, e as instituições que possuem Sistema de Biblioteca (SIBI), verificando as funções recebidas pelos bibliotecários gestores e analisando os organogramas institucionais e a subordinação das bibliotecas e dos SIBIs;

b) organização: apresentando informações sobre o acervo, o *software* de gestão, o espaço físico, a acessibilidade e os serviços oferecidos por meio da biblioteca; e c) liderança: apresentando a equipe de pessoal que atua na biblioteca.

O parâmetro utilizado nesta obra para a Biblioteca Escolar foram as Diretrizes da Federação Internacional de Associação de Bibliotecas e Instituições (IFLA) para a biblioteca escolar. Já para a biblioteca universitária, utilizou-se como parâmetro nacional o livro organizado pela professora Nídia M. L. Lubisco, “Biblioteca Universitária: elementos para o planejamento, avaliação e gestão”, e, como parâmetro internacional, as Diretrizes de Serviços da Biblioteca Universitária para Estudantes de Graduação e as Normas para Bibliotecas do Ensino Superior, estes últimos dois documentos publicados pela *American Library Association* (ALA).

Pretende-se, com este livro, oferecer subsídios para análises e melhor compreensão do cenário atual das bibliotecas da Rede. O panorama sobre as bibliotecas nos permite reconhecer potencialidades, mas também fragilidades, e, assim, ter fundamentos mais sólidos para planejar o futuro, buscando sempre alinhar o desenvolvimento das bibliotecas com a missão maior das instituições que compõem a RFEPCT.

À vista do exposto, a presente obra marca um divisor de águas sobre estudos de gestão das bibliotecas da RFEPCT, pela abrangência nacional e pelo cenário apresentado, constituindo-se referencial para a reflexão de bibliotecários e gestores da RFEPCT.







## 2. Educação na Sociedade da Informação

*Caroline da Rosa Ferreira Becker*

Este capítulo se inicia com a Declaração de Princípios de Genebra, documento desenvolvido na reunião da Cúpula Mundial sobre Sociedade da Informação, na qual houve participação do Brasil:

Estamos empenhados em concretizar a nossa visão comum da Sociedade da Informação para nós e para as gerações futuras. Reconhecemos que os jovens constituem a força de trabalho do futuro, são os principais criadores e os primeiros a adotarem as TIC. Devem ser promovidas, portanto, suas capacidades como estudantes, desenvolvedores, colaboradores, empresários e tomadores de decisões. Temos de nos concentrar especialmente em jovens que ainda não tenham sido capazes de se beneficiarem plenamente das oportunidades oferecidas pelas TIC. Estamos também empenhados em assegurar que o desenvolvimento de aplicações de TIC e o funcionamento dos serviços respeitem os direitos das crianças, bem como sua proteção e bem-estar (DOCUMENTOS..., 2014, p.18-19).

Esta declaração apresenta a preocupação mundial dos países participantes da Cúpula quanto à necessidade de reformulações na questão educacional frente às novas tecnologias da informação e da comunicação, e frente à sociedade da informação. O documento sugere que se deve fomentar a capacidade dos estudantes, garantindo o desenvolvimento das aplicações e a exploração dos serviços das tecnologias da informação e comunicação, respeitando os direitos das crianças e garantindo sua proteção e seu bem-estar.

Toda essa re-configuração da educação na sociedade implica o que sugeriu Bauman (2001, p. 243): “[...] viver entre uma multidão de valores, normas e estilos de vida em competição, sem uma garantia firme e confiável de estarmos certos, é perigoso e cobra um alto preço psicológico”. A afirmação desse autor representa um retrato daquilo pelo que a sociedade líquida, a sociedade da informação, passa diariamente para garantir sua sobrevivência.

Apesar dessas questões, podemos escolher livremente os caminhos que queremos seguir, e, como sugere Bauman (2001, p.38), “olhe para dentro de você mesmo, onde supostamente residem todas as ferramentas necessárias ao aperfeiçoamento da vida—sua astúcia, vontade e poder”. Tem-se de acreditar, buscar, capacitar, ir além e efetivar ações que ofereçam educação com qualidade.

A interação entre a educação e as novas tecnologias de comunicação e informação favorecem a ação pedagógica colaborativa. Professores e alunos construindo juntos novos mundos de significações, e cabe ao professor ajudar na aprendizagem de conteúdos e de ser um elo para uma compreensão maior da vida. Mas, o grande desafio desta interação é despertar a curiosidade do próprio professor e motivar os alunos a continuarem aprendendo quando não estão em sala de aula (DELGIN, 2005, p. 68).

Essa curiosidade citada pela autora, relacionada à questão motivacional, deveria ser algo sempre presente na “alma” do professor. Como pode um professor ensinar e questionar os alunos se ele próprio não se questiona e não está sempre aprendendo? Se ele próprio não está aberto a críticas? Foi-se o tempo em que o ato de educar possuía certa “linearidade”, com poucos alunos, todos advindos de um contexto parecido, poucas informações, pouca tecnologia, pouca crítica, pouca interação com o mundo e muita solidéz. Bauman (2001, p. 33) enfatiza que “nossa sociedade definitivamente *não* aceita bem a crítica como a que os fundadores da escola crítica supunham e à qual endereçaram sua teoria”.

Vive-se num eterno questionamento: como combinar novas tecnologias, informação, educação, memória coletiva, ciência universal e culturas comunitárias, paixão e razão? (CASTELLS, 2008).

Castells (2008, p. 486) relata que “escolas e universidades, paradoxalmente, são as instituições menos afetadas pela lógica virtual embutida na tecnologia da informação, apesar do uso previsível quase universal de computadores nas salas de aula dos países desenvolvidos”.

Mattelart (2002, p.137) aborda que “não faltam exortações que insistem na urgência de se estimular ativamente a aquisição de conhecimentos e de competências”, com o fim de “transformar a sociedade da informação emergente em uma sociedade do saber”.

Toda essa consciência de utilização dos recursos do conhecimento tem de ser amplamente discutida e apresentada no ambiente escolar,

principalmente numa era em que vivenciamos e experimentamos a ascensão do ciberespaço, da sociedade do conhecimento.

O ciberespaço integra todas as mídias anteriores, como a escrita, o alfabeto, a imprensa, o telefone, o cinema, o rádio, a televisão e, adicionalmente, todas as melhorias da comunicação, todos os mecanismos que foram projetados até agora para criar e reproduzir signos. O ciberespaço não é um meio, é um metameio. (LÉVY, 2004, p.165).

A Internet parece ter trazido para professores e alunos a resolução de todos os problemas relativos à informação e à comunicação, em virtude de possibilitar às pessoas o acesso ilimitado a diversas fontes de informação, o autoaprendizado e também a possibilidade de comunicar-se ilimitadamente. E não foram apenas os problemas relativos à informação e comunicação que foram resolvidos, para alguns também foram resolvidos problemas de ordem afetiva, amorosa, entre outros.

Torna-se importante salientar que todo esse arranjo da sociedade em rede, possibilitada com o advento da Internet, traz consigo muitas ambiguidades e exclusões que não nos são apresentadas de forma muito clara. Até porque aquilo que é verdade hoje pode não mais ser amanhã.

Em virtude disso, temos de possuir, ou procurar desenvolver, habilidades e competências para o uso da informação e principalmente ensinar, àquelas que vislumbram, no ambiente da Internet, a resolução dos problemas da humanidade, que essa teia está cheia de armadilhas e suas informações, em apenas alguns casos, estão organizadas e não manipuladas. Temos, então, acesso a uma gama ilimitada de informações, porém, o mais importante não é ter acesso, mas sim saber utilizar e avaliar essas informações, transformando-as em conhecimento.

Segundo Wolton (2004, p. 150): “Existe, por um lado, a Rede aceleradora da circulação e da rentabilidade do capital, e, por outro lado, a Rede criadora em si de valor e de riqueza”. O autor explica que a sociedade de consumo permite essa acelerada circulação de capital, embora, por outro lado, a Rede também ofereça informações de valor e de riqueza, informações científicas e tecnológicas, que geram conhecimento, que podem ser acessadas através dela. Porém, o próprio autor salienta que não há uma ligação direta entre as duas Redes, que não há a regulamentação da criação de valor com a informação e produção veiculadas através da Internet. Além disso, Wolton (2004, p.151) também afirma, a respeito da informação, algo

muito semelhante ao conceito, citado acima, referente à Rede: “é preciso saber distinguir a informação-valor, que é fator de liberdade individual, da informação-mercadoria que, essa, é padronizada”.

Apesar de termos acesso às mais diversas fontes de informação por meio da Internet, a questão de analisar, avaliar e utilizar essas informações é algo importante para que a sociedade não se torne refém de um sistema. Lévy (2000, p. 183) diz que “a humanidade reconecta-se consigo mesma. O termo mundialização esconde mais do que esclarece sobre esse fenômeno”. Wolton (2004, p.152) relata que “o grosso das informações acessíveis na Internet não apresenta grande interesse, é preciso ter a honestidade de reconhecê-lo”. E a sociedade reconhece, no entanto, a Internet como uma grande aliada na resolução de seus questionamentos, dúvidas, indagações, problemas e relacionamentos.

O que se operou do século dezanove aos nossos dias terá sido a perda do desejo da verdade: a quebra do fundamento, a falência da representação, o enfraquecimento, até o limite extremo, da referência acabam por conjurar a verdade como erro, violência e dominação. (D'AMARAL, 2003, p. 37).

Já para Maffesoli (2004, p.31), “a população, mesmo as pessoas mais simples, não é passiva e inventa formas de resistência contra as tentativas de manipulação. É um jogo. Perde-se e ganha-se”. A visão de Maffesoli pode estar se referindo à questão dos grupos sociais que lutam pela igualdade de direitos, resistindo às imposições que a própria sociedade lhes apresenta.

Assim, a informação, a comunicação e a Internet são analisadas através de vários contextos e conceitos, mas um passo primordial para haver uma socialização e desmistificação deste novo conceito de rede deve ser pensado através da educação. Com certeza, algumas escolas possuem projetos a esse respeito, mas educar para que o cidadão, a criança e o idoso sejam críticos quanto ao uso das novas tecnologias não é tarefa fácil. Os programas de governo deveriam ter essa preocupação: em vez de apenas enviarem os computadores para determinado projeto, deveriam treinar esses usuários para saber por que, o que, quando e como utilizar as informações através da Rede. Segundo Wolton (2004, p.150), “o tempo ganho no acesso à informação pode ser novamente perdido na dificuldade de interpretar essa informação”.

A educação inclusiva no ciberespaço deve formar um aluno crítico para “dialogar” com as informações veiculadas nesse meio, sabendo distinguir

uma informação verdadeira de uma falsa, sendo capaz de buscar as melhores informações e utilizá-las eficazmente. Leão (2003, p. 20) muito bem expõe essa questão: “sem suportar este mistério de todo milagre, o pensamento não pode pensar, e o homem só pode mesmo cair na tentação da sociedade do conhecimento, de substituir em si e no outro o mistério do desconhecimento nas próprias conquistas do conhecimento de saber fazer!”. Também Vaz (2004, p. 231), no mesmo sentido de Leão, fala em consumir a informação: “há uma característica importante da rede, que é o fato de a informação ser, como dizem os economistas, um bem de experiência, isto é, só sabemos de seu valor efetivo para nós após a termos consumido”.

Durante toda a história da educação no Brasil, acredito ser o momento atual o mais delicado quanto à responsabilidade das escolas em estarem formando cidadãos numa sociedade onde, a cada dia, surgem novas necessidades de inclusão social. As necessidades educacionais de outrora também sofreram modificações com o desenvolver das sociedades, porém, estas mudanças não foram tão impactantes quanto as mudanças exigidas pela sociedade atual.

O conhecimento tornou-se, hoje, mais do que no passado, um dos principais fatores de superação de desigualdades, de agregação de valor, criação de emprego qualificado e de propagação do bem-estar. A nova situação tem reflexos no sistema econômico e político. A soberania e a autonomia dos países passam mundialmente por uma nova leitura, e sua manutenção - que é essencial - depende nitidamente do conhecimento, da educação e do desenvolvimento científico e tecnológico. (TAKAHASHI, 2000, p.v).

Há 15 anos, Takahashi preconizou que conhecimento, educação, ciência e tecnologia são imprescindíveis para a manutenção da soberania e autonomia dos países, e, nesse sentido, torna-se importante salientar que os IFs têm a denominação que abarca todos esses quatro pilares: Institutos Federais de *Educação, Ciência e Tecnologia*. O *conhecimento* não deixa de estar implícito, pois uma instituição educacional desenvolve/promove conhecimento.

A importância que a educação assume no cenário da sociedade da informação pode ser percebida quando se observa que, no cálculo do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o índice de analfabetismo e a taxa de matrícula nas escolas têm o mesmo peso do produto interno bruto (PIB) *per capita* e

da longevidade (expectativa de vida ao nascer). Esse *ranking* analisa indicadores de renda, saúde e educação, e seus resultados dividem os países em quatro categorias: os de índice de desenvolvimento *muito elevado*, *alto*, *médio* e *baixo*. De acordo com os dados apresentados por esse programa, o IDH do Brasil é 0,744, e o país ocupa a 79ª posição dentre as 187 nações e territórios analisados no documento (Programa..., 2014). O Brasil está entre os países de desenvolvimento elevado.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, em 2012, publicou a sua 3ª edição e tem por objetivo conhecer o comportamento leitor da população, especialmente em relação aos livros, e também medir intensidade, forma, motivação e condições de leitura da população brasileira. De um total de 178 milhões de brasileiros (população com 5 anos ou mais de idade), 16 milhões (ou seja 9%) são analfabetos. Importante salientar que, nesta última edição, a pesquisa teve como destaque *o aprofundamento do estudo sobre a avaliação das bibliotecas pelos seus usuários*, e que 119 milhões (67%) de brasileiros sabem que existe alguma biblioteca pública em seu bairro ou próximo à sua casa; porém, 133 milhões (75%) não frequentam a biblioteca (Instituto..., 2012).

Esse dado revela que uma considerável parcela da população encontra-se excluída dos bens sociais, já que é principalmente por meio da leitura e da escrita que a sociedade se comunica e troca informações. O dado acima apresentado não inclui os analfabetos funcionais e aqueles que, apesar de até saberem ler e escrever, realizam esse ato mecanicamente e/ou têm dificuldades em buscar, localizar, acessar e utilizar eficazmente a informação. No ambiente escolar, Pieruccini (2008, p. 44) mostra que, muitas vezes, “os alunos não sabem como, onde, por que e para que buscar a informação; não têm noção clara do que selecionar, de como tomar notas, registrar, extrair os dados selecionados, organizá-los, comunicá-los; acham-se numa situação em que tudo lhes é estranho”. Esse fato observado, em um contexto de uma sociedade da informação, revela que se enfrentam problemas no ambiente educacional relacionados ao acesso e ao uso da informação.

Nos *Princípios Fundamentais de uma Sociedade da Informação para Todos*, item 34, lê-se:

A realização de nossas aspirações comuns – em especial para que os países em desenvolvimento e países com economias em transição se tornem membros de pleno direito da Sociedade da Informação e sejam integrados positivamente na economia do conhecimento – depende em grande parte da promoção de capacitação nas áreas de

educação, conhecimentos tecnológicos e acesso à informação, que são os principais fatores na determinação do desenvolvimento e da competitividade. (Documentos..., 2014, p.26).

Assim, educar, na sociedade da informação, requer um conjunto de habilidades, esforços e tecnologias para formar cidadãos capazes de inserirem-se neste novo contexto informacional e tecnológico. As bibliotecas são espaços que podem oportunizar o desenvolvimento dessas habilidades, esforços e tecnologias, desde que inseridas e participantes do processo de ensino-aprendizagem das instituições educacionais. Nas Diretrizes de Serviços de Biblioteca Universitária para Estudantes Universitários (Guidelines..., 2014), expressa-se o quanto a biblioteca torna-se importante na sociedade da informação, porque os seus serviços não apenas preparam os estudantes para o trabalho e pesquisa da graduação, mas também os ensinam a usar os recursos/fontes de informação como cidadãos, como consumidores, como profissionais e para fins recreativos.





### 3. Bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica

A preocupação com a organização das bibliotecas das instituições pertencentes à Rede de Educação Profissional foi apresentada, na literatura brasileira, a partir dos estudos de José Maria de Araújo Souza, que escreveu, em 1965, o livro “Instalação de bibliotecas em escolas técnicas industriais”. E também de Dóris de Queiroz Carvalho, que publicou, em 1966, o “Manual de serviços para bibliotecas de escolas técnicas industriais” e, em 1970, como atualização dessa última obra citada, o livro “Bibliotecas de escolas técnicas industriais: manual de organização e funcionamento”.

Segundo Carvalho (1970), existiam 23 bibliotecas instaladas nas Escolas Técnicas Federais. Os objetivos dessas bibliotecas também foram apresentados por Carvalho (1970), que afirmava deverem elas possuírem um ambiente facilitador do ensino, que fornecesse acervo adequado para uso de professores e alunos; como um ambiente que desenvolvesse em professores e alunos o gosto pela boa leitura, o hábito de utilizar os livros, a capacidade de pesquisa, enriquecendo suas experiências pessoais e tornando-os mais preparados para progredirem nas suas profissões.

Como funções dos bibliotecários, a autora aborda a aquisição de material bibliográfico adequado e a organização desse material para uso dos alunos e professores; o fornecimento do acervo para ilustrar e enriquecer os programas escolares; a orientação aos alunos sobre como usar o acervo; o desenvolvimento nos alunos do prazer de ler e da capacidade da pesquisa. Ainda segundo Carvalho (1970), a biblioteca também deve oferecer as seguintes facilidades: acervo atualizado sobre as matérias do currículo; sala de estudos e pesquisa; livre acesso à biblioteca, onde o acervo encontra-se organizado de acordo com o assunto a que se refere cada obra; empréstimo do acervo; cursos de leitura, com sala e projetos de leitura em grupo; orientação de leitura e sala de vídeo, para exibições de filmes educativos.

Há 46 anos já se pensava o que deveriam ser as bibliotecas das Instituições que atualmente compõem a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica: ambientes aconchegantes e organizados, compostos por acervo qualificado e em diferentes suportes; com profissionais

comprometidos com a formação do leitor, dos alunos; com o incentivo e a orientação à leitura e à pesquisa; com o livre acesso à informação; e com a liberdade de uso. As bibliotecas que possuem ambientes com essas características e bibliotecários com essas funções possuem condições de atender, com boa qualidade, usuários da educação básica, profissional e universitária.

Na literatura, há poucas bibliografias que abordam as bibliotecas dos antigos CEFETs, UNEDs, Escolas Agrotécnicas e Técnicas, muito em razão do histórico dessas instituições, que sofreram várias modificações ao longo dos anos, e também porque a maioria delas funcionava de forma isolada, vinculadas diretamente ao Ministério da Educação.

Já com a criação dos IFs, em 2008, instituições federais de educação profissional, cada qual com uma biblioteca, unem-se para fazer parte de um mesmo Instituto, o que faz com que se inicie um diálogo entre os bibliotecários e um convergir das ações destes profissionais e dos encaminhamentos dessas bibliotecas. No ano de 2011, foi criada a Comissão Brasileira de Bibliotecas da RFEPC - CBBI (Fórum Nacional..., 2011), com representantes de todas as regiões do país, fato que demonstrou a necessidade de se pensar e articular ações em prol dessas bibliotecas.

Pacheco (2011, p.12) enfatiza que os IFs “[...] são caracterizados pela ousadia e inovação, necessárias a uma política e um conceito que buscam antecipar, aqui e agora, as bases de uma escola contemporânea do futuro e comprometida com uma sociedade radicalmente democrática e socialmente justa”. Essa ousadia e inovação também refletem no papel dos bibliotecários atuantes nestas bibliotecas, pois uma instituição educacional contemporânea e comprometida com a sociedade, no mínimo, deve oferecer, por meio das bibliotecas, um ambiente informacional atualizado, organizado e planejado, que oportunize acesso à informação para todos, em diferentes suportes, com bibliotecários que ensinem os usuários a entender, encontrar, avaliar, usar e disseminar a informação com autonomia, podendo transformar essa informação em conhecimento, em qualidade de vida, em igualdade social.

A necessidade do re-pensar as bibliotecas da RFEPC fica externalizada nas vozes dos bibliotecários participantes do VI Fórum Nacional dos Bibliotecários dos IFs, ocorrido em 2011 na cidade de Petrolina, Estado de Pernambuco, quando sugerem, como tema para o evento seguinte, “A identidade das bibliotecas dos IFs” e também “As habilidades e o perfil dos bibliotecários dos IFs” (Fórum Nacional..., 2011).

## 3.1. Uma nova identidade para as bibliotecas da Rede

A construção da identidade das bibliotecas da RFEPT está diretamente vinculada ao tipo de usuários que estas atendem. Nesse caso, é necessário analisar a tipologia das bibliotecas da Rede. Geralmente, as bibliotecas são classificadas de acordo com algumas características específicas que possuem em relação aos usuários/acervo, e, em virtude disso, podem ser: infantis, universitárias, escolares, especializadas, públicas, mistas, comunitárias, digitais, entre outras.

Santos, Hoffmann e Boccato (2011, p. 1) relatam que as bibliotecas dos IFs “[...] caminham na busca de sua construção identitária, abarcando uma junção de tipologias e olhares a serem refinados e construídos”. Além disso, as autoras sugerem que as bibliotecas dos institutos devem ser estudadas a partir da tipologia de bibliotecas escolares, especializadas e universitárias.

Uma nova classificação é apresentada por Moutinho e Lustosa (2011), quando caracterizam as bibliotecas dos IFs como tecnológicas. Essas autoras também enfatizam que as bibliotecas devem estar preparadas para receber os usuários para cada nível de ensino dos IFs, ou seja, educação básica, superior e profissional.

Diante dessas classificações, observa-se que começam a iniciar os primeiros ensaios sobre os tipos de bibliotecas que a constituição da RFEPT requer: escolares, universitárias, especializadas e tecnológicas. Importante que o leque de tipologias pode ser amplo, em virtude também de ser ampla a oferta de cursos oferecidos por esta Rede de ensino.

Considerando a necessidade de uma posição intermediária nesta discussão, opta-se, nesta obra, pela visão de que as bibliotecas dos IFs são mistas, ou seja, devem ser entendidas como bibliotecas escolar e universitária, pois suas maiores demandas centram-se no universo de usuários compostos por estudantes de nível médio e superior.

Para Campello (2008, p. 7), “a biblioteca escolar, mais do que um estoque de conhecimentos, pode constituir-se como um espaço adequado para desenvolver nos alunos o melhor entendimento do complexo ambiente informacional da sociedade contemporânea”. Num conceito bem objetivo, as bibliotecas escolares são unidades informacionais pertencentes a instituições educacionais que ofertam educação básica

(que compreende a educação infantil, com crianças de 3 a 5 anos; o ensino fundamental, com crianças de 6 a 14 anos; e o ensino médio, com jovens de 15 a 17 anos) e que têm como usuários alunos e professores, podendo também ter funcionários e a comunidade local como público. Segundo Cunha e Cavalcanti (2008, p. 50), a biblioteca escolar “[...] é a que está ligada a estabelecimento de ensino, fundamental ou médio, destinada a alunos e professores”.

Bibliotecas universitárias, também denominadas “bibliotecas acadêmicas”, se estruturam como unidades organizacionais dentro de instituições de ensino superior (IES) e prestam serviços informacionais e educacionais à comunidade à qual estão vinculadas. De acordo com a legislação nacional, são considerados IES: faculdades, centros universitários, universidades (BRASIL, 2006), CEFET (BRASIL, 2004; 2008a) e Institutos Federais (BRASIL, 2008a). Segundo Cunha e Cavalcanti (2008, p. 53), a biblioteca universitária é “[...] mantida por uma instituição de ensino superior e [...] atende às necessidades de informação dos corpos docente, discente e administrativo, tanto para apoiar as atividades de ensino quanto de pesquisa e extensão”. Lubisco (2014, p. 5) apresenta esse apoio enquanto função que consubstancia a atuação da biblioteca “[...] como recurso didático-pedagógico (laboratório de aprendizagem); como plataforma de conhecimento (considerando-a fonte e local de registro da produção técnica e científica da instituição); e como fator de estímulo à formação e desenvolvimento do espírito científico”.

Historicamente, as bibliotecas universitárias, por atenderem demandas relativas ao ensino superior, obtiveram, ao longo dos anos, um espaço e visibilidade institucional extremamente distinto das bibliotecas escolares, estas últimas relegadas, muitas vezes, a meras salas de leitura. O reconhecimento institucional das bibliotecas universitárias acontece em virtude de sua avaliação nas autorizações e reconhecimento oficiais de cursos superiores, como também nos credenciamentos de IES.

Os serviços oferecidos a cada um desses públicos possuem suas especificidades, porém são complementares. Por exemplo: tanto bibliotecas universitárias como escolares têm como objetivo atuar enquanto recurso didático-pedagógico; sendo assim, oferecem serviços que visam estimular a formação crítica de leitores, o desenvolvimento do espírito científico, dentre outras competências. No entanto, a forma como os serviços educacionais são ofertados se diferenciam, respeitando o nível de cada público e os recursos que a instituição oportuniza. Estudantes do ensino médio, em geral, estão na fase de alfabetização informacional, enquanto alunos do ensino superior já necessitam aprofundar os processos de uso da informação de forma mais criteriosa e com maior rigor científico e tecnológico.

Observa-se aqui que a oferta de itinerários formativos da educação básica à superior, proposta para os Institutos Federais, permite que a sua comunidade usufrua e compartilhe de espaços de aprendizagem, como suas bibliotecas, otimizando, assim, o uso da sua infraestrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão.

Nesse sentido, embora a RFEPCT seja centenária, a história de suas bibliotecas é marcada por mudanças. Diante da reorganização, a partir de 2008, a construção dessa nova identidade favorece substancialmente a comunidade e os estudantes da educação básica, que podem usufruir de bibliotecas universitárias.

Espera-se que, no futuro, as bibliotecas da RFEPCT evoluam na prestação de seus serviços para interagir de forma colaborativa entre todas as bibliotecas da Rede, ampliando as possibilidades com ações que favoreçam o cumprimento da missão dos Institutos Federais e das demais instituições que fazem parte da RFEPCT.

## **3.2. Comissão Brasileira de Bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**

A Comissão Brasileira de Bibliotecas das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (CBBI) foi instituída em 06 de outubro de 2011, em Assembleia Plenária do VI Fórum Nacional de Bibliotecários dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, ocorrido na cidade Petrolina, Pernambuco. O Fórum foi promovido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano.

Visando à ampla representatividade nacional, a CBBI se constitui por um presidente e dois representantes de cada região do país, sendo um na função de titular e outro suplente, totalizando, assim, 11 pessoas. O mandato é de dois anos, e seus membros são escolhidos democraticamente em assembleia plenária.

Essa Comissão tem como objetivos:

- a) representar as Bibliotecas das RFEPT junto aos diversos segmentos organizados da sociedade, tais como: órgãos governamentais; entidades ligadas à educação, pesquisa e extensão; sociedade civil; dentre outros;
- b) atuar como veículo de articulação, discussão, deliberação, encaminhamento, acompanhamento e execução das políticas e ações necessárias ao desenvolvimento das Bibliotecas ligadas a RFEPT; e
- c) desenvolver atividades de capacitação, estudos, pesquisas e propostas vinculadas às atividades das Bibliotecas da Rede.

Para representar as bibliotecas da Rede, é necessário, em primeiro lugar, reconhecer o que os seus bibliotecários almejam, quais são as suas realidades, dificuldades vivenciadas e os avanços conquistados. Nesse sentido, a primeira gestão da CBBI, sob a presidência de Artur da Silva Moreira, criou uma lista de discussão para viabilizar a interação e o compartilhamento de informações e conhecimentos entre todos os bibliotecários da RFEPT. Atualmente, esta lista é composta por mais de 600 bibliotecários.

Em 2012, uma importante articulação política foi realizada pela CBBI: a realização do I Encontro de Representantes das Bibliotecas das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica – I ERBI –, sob a promoção do Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica – CONIF –, apoio da Câmara de Ensino da entidade, e em parceria com a CBBI. No evento, ocorrido entre os dias 18 e 19 de junho de 2012, foi possível discutir sobre os principais anseios e dificuldades relacionados às bibliotecas e finalizar com a organização de uma Carta de Recomendações, que foi entregue ao CONIF. Considerando a relevância deste documento, ele encontra-se disponível no *site* da CBBI, no seguinte endereço eletrônico: [http://www.cbbionline.org/uploads/8/4/3/3/8433852/i\\_erb.pdf](http://www.cbbionline.org/uploads/8/4/3/3/8433852/i_erb.pdf).

Outra importante ação mantida pela CBBI é a organização de Grupos de Trabalho (GTs), criados a partir da necessidade demandada pelos bibliotecários da Rede. Temas emergentes são estudados e analisados pelos membros que compõem esses grupos, cuja necessidade de reflexão, discussão e elaboração de diagnósticos e proposituras são de importância para o desenvolvimento das Bibliotecas da Rede, em consonância com os mais modernos e eficientes parâmetros técnicos da área. Deste modo, estruturaram-se os Grupos de Trabalho para ofertar propostas para o avanço das estruturas físicas, organizacionais, de serviços e produtos das

Bibliotecas. Atualmente a CBBI possui os seguintes Grupos de Trabalho: a) Portal de Periódicos da CAPES; b) Normatização e Normalização de Publicações; c) Formação e Desenvolvimento de Coleções; d) Biblioteca Digital, Informatização e Educação a Distância; e) Gestão de Biblioteca e de Pessoas; f) Processamento Técnico de Publicações; g) Arquitetura de Bibliotecas e Acessibilidade; h) Cadastro de Bibliotecas e Profissionais da Rede; i) Avaliação Institucional; j) Seminário Brasileiro de Bibliotecas das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (SBBI) e Programas de Capacitação; e k) Ação Cultural.

A atual diretoria da CBBI (2014-2016) mantém também um *site*, que pode ser acessado pelo endereço eletrônico <http://www.cbbionline.org/>, onde são disponibilizadas as seguintes informações: história da CBBI e seus gestores; memórias sobre os eventos que envolveram os bibliotecários da Rede; apresentação dos grupos de trabalho e suas atribuições; publicações produzidas sobre as bibliotecas da Rede (artigos, dissertações, entre outros trabalhos sobre as bibliotecas da RFEPT). Também são realizadas reuniões mensais ou bimestrais via videoconferência entre os membros da diretoria, como também entre os coordenadores dos grupos de trabalho. Em algumas ocasiões, os integrantes da diretoria reúnem-se com os coordenadores dos GTs. Cada coordenador tem autonomia para planejar como e quando se reunirá com os membros do seu grupo.





## 4. Gestão de Bibliotecas

*Caroline da Rosa Ferreira Becker*

O estudo da administração em bibliotecas iniciou em meados da década de 70 e, naquela época, envolvia, entre outros aspectos: uma compreensão dos propósitos, necessidades e oportunidades da biblioteca; o planejamento; a estrutura formal da biblioteca; a seleção dos empregados e sua administração racional e justa; a distribuição do trabalho segundo a capacidade dos empregados; a definição das responsabilidades e linhas de autoridade; o fornecimento de instruções apropriadas para o trabalho a ser realizado; a supervisão, evolução e medição dos resultados obtidos em termos de satisfação do leitor, dentro de custos razoáveis (LITTON, 1973).

Cabe esclarecer que, inicialmente, a gestão de bibliotecas resumia-se à guarda, ao zelo e à conservação das obras - atividades confiadas a um profissional altamente sábio. Embora os tempos sejam outros, essa visão estereotipada de guarda, zelo e conservação permanece no imaginário popular, principalmente nos dirigentes de instituições que mantêm bibliotecas escolares. Já em relação às bibliotecas universitárias, cada vez mais se oportunizam serviços e produtos diferenciados aos usuários, que contribuem para a formação destes, e isso acontece principalmente quando ocorre a atuação de gestores bibliotecários competentes. Drucker (1986) alerta para a necessidade de adequação da teoria e da prática da administração às realidades atuais, no que respeita à gestão de organizações em geral. Essas premissas afetam também o ambiente das bibliotecas, já que a sociedade atual, a sociedade da informação, demanda outros serviços e recursos informacionais além daqueles das sociedades antigas, nas quais “o que as pessoas sabiam estava relacionado ao lugar onde viviam” (BURKE, 2003, p. 56).

Nessa linha de pensamento, Miller (1997) já afirmava que as organizações do futuro deveriam ser um organismo absolutamente adaptável e que deveriam apresentar cinco características fundamentais: grande flexibilidade, compromisso com o indivíduo, uso assíduo de equipes, sólidas competências principais e satisfação com a diversidade. Para Drucker (1986, p. 21), “a administração se preocupará cada vez mais com a manifestação de crenças e valores básicos tanto quanto com a consecução de resultados mensuráveis, defendendo cada vez mais a qualidade de vida da sociedade tanto quanto seu padrão de vida”. Agostinho (2003, p. 2) apresenta “o novo

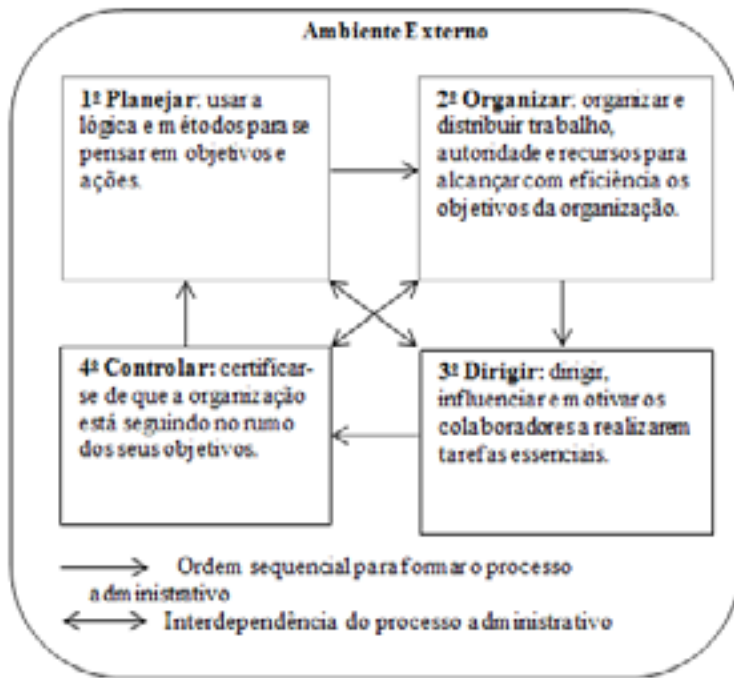
papel da administração que, ao deixar de se concentrar na prescrição e no controle, passa à tarefa de promover as condições para que desempenhos superiores possam surgir da atuação de indivíduos autônomos”. As bibliotecas podem promover a qualidade de vida, na medida em que, pela leitura, pela informação e pela formação, pode-se mudar a maneira de ser, viver e estar no mundo. Para entender o mundo, é preciso entender coisas novas; para entender coisas novas, é preciso ler (informação verbal)<sup>1</sup>. E a biblioteca pode colaborar para a formação de leitor dos usuários, pois é no seu ambiente que se encontram as informações organizadas e os profissionais qualificados para oportunizar aos usuários o desenvolvimento de competências no uso, na busca e no entendimento da informação.

Lubisco (2011) relata a simbiose entre os processos de gestão de biblioteca e a interdependência entre as funções que cada processo realiza, enfatizando as seguintes funções gerenciais: “o *planejamento* que concebe os planos, a *organização* que concebe a estrutura e a logística organizacional, a *execução* que realiza as atividades planejadas, e o *controle* que acompanha, avalia e corrige, se necessário, o desempenho da organização e seus serviços” (LUBISCO, 2011, p. 99).

Embora as funções gerenciais tenham sido criadas por Fayol, no final do século XIX, ainda são aplicáveis, utilizáveis e necessárias para a gestão eficaz de organizações, como também de bibliotecas. Becker (2010), em uma adaptação de Stones e Freeman (1999), apresenta a interdependência das quatro funções gerenciais (ver página ao lado):

---

1 Informação concedida por Jean Hébrard, no 17º Congresso de Leitura do Brasil (COLE), em Campinas, em 20 de julho de 2009.



O bibliotecário gestor deve procurar compreender a dinâmica e o funcionamento institucional para, a partir daí, gerenciar a biblioteca em conjunto e em consonância com o planejamento institucional. O planejamento da biblioteca deve ser composto de estratégias, tarefas, objetivos, rotinas de supervisão e avaliação (FEDERAÇÃO..., 2005). Exige a atuação ativa do bibliotecário, formando parceria com os administradores, professores e estudantes, visando determinar a relação e o valor da biblioteca escolar para a comunidade de aprendizagem na escola (International..., 2015, tradução nossa). Ainda segundo International... (2015, tradução nossa), o processo de planejamento inclui as seguintes dimensões:

- metas de desenvolvimento sustentável identificados por estudos orientados para o futuro por parte de grupos nacionais e internacionais;
- uma missão, filosofia, metas e objetivos de nível educacional escolar e nacional;
- uma declaração de visão que descreve o valor da biblioteca escolar para a escola e o papel das partes interessadas, parceiros e financiadores culturais no processo educativo;

- uma avaliação que identifica o papel da biblioteca escolar agora e prevê onde deveria estar no futuro como um centro de aprendizagem;
- um plano para conectar a comunidade escolar com acesso a recursos de qualidade, instalações e ambientes de aprendizagem físicos e digitais;
- um plano de tecnologia com projeções futuras de tecnologia e mudanças potenciais na prestação de informações e serviços;
- um plano de ação dinâmico de atividades centradas no aluno e na comunidade;
- um plano para o desenvolvimento de competências/habilidades profissionais para o pessoal da biblioteca escolar;
- um plano de avaliação que prevê a melhoria contínua através de pesquisa baseada em evidências, demonstrando o impacto dos serviços de biblioteca no sucesso do aluno.

O planejamento da biblioteca apresenta diretrizes que nortearão os rumos que a biblioteca deve seguir, tais como: o que a biblioteca vai ser; a quem ela vai servir; o que é preciso ser feito para que ela alcance os objetivos traçados; em que nível institucional a biblioteca está posicionada na estrutura da organização; quais são as relações de subordinação entre a biblioteca e outros setores; como a biblioteca é entendida e relatada nos documentos institucionais. Segundo Almeida (2000), é por meio do planejamento que se estabelecem os objetivos e se definem planos para a consecução desses objetivos, embora, em muitas bibliotecas, essa função não seja exercida de forma adequada. Corroborando essa ideia, Lubisco (2014, p.14) enfatiza que: “de modo geral, a falta de uma cultura de planejamento tem impedido que as bibliotecas trabalhem a partir de objetivos e colem dados de seu desempenho que justifiquem as demandas por elas apresentadas e, conseqüentemente, os investimentos a serem feitos”. Nesse sentido, é importante que a biblioteca integre-se à instituição à qual pertence, por meio de um planejamento participativo que contribua com a missão institucional, e que o olhar sobre as bibliotecas seja como um recurso pedagógico indispensável para as atividades nos três níveis: ensino, pesquisa e extensão (LUBISCO, 2011; 2014).

A fim de responder às necessidades educativas do próprio ambiente educacional e para que oficialmente sejam reconhecidas/concebidas, as bibliotecas têm de estar presentes no planejamento institucional, por meio de sua inserção nos documentos institucionais, tais como: organogramas, fluxogramas, planejamento, planos e avaliações. Caso contrário, o

ambiente da biblioteca é apenas mais um setor que navega sozinho. Nessa compreensão, a biblioteca precisa ser gerenciada dentro de um quadro de planejamento bem estruturado, que contemple as políticas existentes em nível superior, assim como os objetivos, a filosofia, as necessidades e a realidade institucional (FEDERAÇÃO..., 2005).

## 4.1. A organização e os serviços em bibliotecas

*Caroline da Rosa Ferreira Becker*

A organização de biblioteca é a função que se propõe a estabelecer a necessária estrutura organizacional para o seu funcionamento, como também a determinação dos recursos necessários. Faria e Pericão (2008, p. 537) afirmam que “a organização de bibliotecas refere-se à estrutura administrativa e funcional de uma biblioteca e do trabalho que aí se desenvolve”. Carvalho (1970), há 45 anos, explicava que a organização de bibliotecas da RFEPT diz respeito a dois tipos de atividades: a) os serviços técnicos ou tratamento técnico (que é o “conjunto de trabalhos referentes à preparação de um livro ou documento, desde que este entra na biblioteca, arquivo ou serviço de documentação, etc., até o momento em que se considera disponível nas estantes para ser utilizado; processamento técnico” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 713)); e b) os serviços com o leitor. Como serviços técnicos, a autora cita os seguintes: seleção, aquisição, registro, classificação, catalogação, encadernação, conservação das estantes e catálogos, preparação do material para o empréstimo, intercâmbio e permuta. E, como serviços com o leitor, apresenta a referência, a orientação para a leitura e o empréstimo. O serviço de referência ou serviço de informação é o “[...] setor cuja função básica é fornecer informações relativas aos respectivos acervos, bem como torná-los acessíveis aos usuários” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 334). Ou seja, é o processo de estabelecimento de contato entre o usuário e os serviços da biblioteca. É decorrente da comunicação direta entre o bibliotecário e o usuário. A real utilidade da biblioteca é medida pela eficácia desse serviço.

O acervo é um conjunto de bens culturais que foram acumulados ao longo dos anos, por herança ou tradição, e que fazem parte de um patrimônio; também é

o conjunto de documentos de uma biblioteca, arquivo, de um centro ou de um serviço de documentação (FARIA; PERICÃO, 2008). No entanto, é fundamental que exista um padrão de qualidade dos variados tipos de fontes de informação (ou seja, do acervo) da biblioteca, oferecendo acesso a recursos que atendam às necessidades dos usuários, no que se refere à educação, à informação e ao desenvolvimento pessoal (FEDERAÇÃO..., 2005). É muito comum, principalmente em bibliotecas escolares brasileiras, nos depararmos com um acervo composto por livros, enciclopédias e materiais didáticos velhos e desatualizados. Esse fato acaba afastando o aluno/usuário da biblioteca e também não se pode dizer que esse espaço é uma biblioteca, mas sim um depósito de “velharias”. Isso não significa que apenas devemos ter livros novos nas bibliotecas, pois existem livros que são considerados obras raras, e os clássicos são sempre considerados ótimos materiais para compor o acervo. Os livros eletrônicos (*e-books*) são materiais imprescindíveis para sua composição, em razão da facilidade e rapidez de acesso que proporcionam e da tecnologia de que se constituem: “Recursos eletrônicos formam uma parte significativa da rede de informação precisada e preferida por estudantes universitários” (GUIDELINES..., 2014, p. 98).

Nesse sentido, a política de desenvolvimento da coleção, que orienta o planejamento do acervo da biblioteca, é vital para que se definam o propósito, a extensão, a atualização e o conteúdo do acervo. A respeito dos tipos de materiais que devem fazer parte do acervo, International... (2015) recomenda uma coleção equilibrada de itens atuais e relevantes para assegurar o acesso a recursos para usuários de diferentes idades, habilidades, estilos de aprendizagem e formação. A coleção deve estar em consonância com o currículo, por meio da oferta de recursos de informação no acervo, seja em formato físico ou digital. Além disso, a biblioteca deve adquirir materiais para fins de lazer, tais como: romances populares, gráficos, música, jogos de computador, filmes, revistas, quadrinhos e cartazes. No caso das bibliotecas universitárias, normalmente o acervo é composto por materiais (em sua grande maioria, livros) que compõem as bibliografias básicas e complementares de cursos superiores. Isso acontece porque, nos documentos de controle de cursos superiores, como a autorização e o reconhecimento, a avaliação é realizada apenas em relação ao acervo, em dois itens: 1) presença, ou não, no acervo das bibliografias básicas e complementares, do projeto pedagógico do curso que está sendo avaliado, de acordo com o quantitativo de vagas anuais preteridas/autorizadas; e 2) assinatura com acesso a periódicos especializados (BRASIL, 2015). Torna-se importante salientar que os livros que compõem os projetos de cursos são leituras, normalmente obrigatórias, específicas e especializadas de cada disciplina oferecida. Nesse sentido, torna-se importante oferecer também

leituras prazerosas, aquelas que o usuário lê sem cobranças, que forma o leitor, que desenvolve o prazer de ler. Quem não gostaria de ler um clássico, uma história em quadrinhos, um mangá, um suspense, um livro de autoajuda, um romance, entre outros, como leitura prazer/lazer/alternativa? Oportunizar que o usuário sugira para compra aquilo que gostaria de ler, disponibilizando na biblioteca uma lista de “sugestão para aquisição”, é uma ideia para se desenvolver e fomentar o prazer da leitura. Stefani (1997, p. 27) escreve sobre a leitura prazerosa:

O ato de levar para casa algo escolhido por si mesmo, para ler num momento determinado por sua própria vontade, no lugar em que quiser, acomodando seu corpo ao seu gosto... é fundamental! É o indivíduo se assumindo como leitor e fazendo uso de sua autonomia. E ainda: não ser cobrado por esse prazer... Ninguém a lhe dizer como interpretar o que lê, a lhe pedir respostas.

Além dos materiais que compõem o acervo, a biblioteca também deve oferecer aos usuários serviços, que são atividades e ações que contribuem para a formação, para a educação e para o desenvolvimento da competência informacional do leitor/público/usuário. Lubisco (2011) apresenta os seguintes serviços da biblioteca universitária: consulta local ao acervo geral e a obras de referência; pesquisas orientadas; empréstimo em domicílio, reserva e devolução de materiais; empréstimo entre bibliotecas; comutação bibliográfica; capacitação de usuários; catalogação na publicação dos trabalhos produzidos na Instituição; serviço de fotocópias; acesso livre à Internet para usuários; visitas guiadas e orientação para a normalização de trabalhos acadêmicos. Os serviços devem prover: acesso para um longo alcance de recursos de informação; atividades de orientação e sessões de instrução que ensinem aos estudantes habilidades de pensamento crítico, necessárias para o uso da biblioteca e de fontes de pesquisa; variado e inovador programa pedagógico de ensino individual ou em grupo, formal ou informal, com uso de materiais instrutivos em vários formatos; laboratório para estudantes adquirirem habilidades de competência informacional: identificação da informação de que precisam, uso efetivo e ético de recursos intelectuais e físicos; conhecimento sobre quando pedir ajuda, bem como a confiança de assim o fazer (GUIDELINES..., 2014, tradução nossa). Perrotti e Verdini (2008, p. 21) dissertam sobre as trocas, a otimização das possibilidades, o estabelecimento de elos que contribuem para a formação/educação dos usuários nas bibliotecas:

Apesar das dificuldades, sempre é possível articular recursos, criar conexões, lançar mão e otimizar as possibilidades, por mínimas que estas sejam; por outro lado, sempre é possível aumentar as chances de um trabalho significativo ao se buscar cooperação, trocas, comunicação; sempre é possível, enfim, inventar, criar, ampliar, ao se estabelecer elos, seja nos aspectos espaciais, nos repertórios informacionais – quanta informação e saber as comunidades possuem, os idosos, os jovens, as crianças! – nos aparatos técnicos, nos suportes. [...] A concentração dos recursos num espaço físico, por melhor que este seja, não é capaz de, por si só, educar para a informação, promover aprendizagens informacionais. Estas demandam, antes de qualquer coisa, em primeiro lugar, planos, programas, projetos, capazes de reunir e articular num todo coerente e consistente concepções, conceitos, recursos e práticas envolvendo as novas relações entre a informação e a educação na contemporaneidade.

Ainda sobre os serviços que podem ser oferecidos, Rasche e Varvakis (2006) apresentam as seguintes atividades: rodas de leitura, grupos de discussão, saraus literários, programas de formação de leitores e bibliotecas ambulantes em bairros. Também Rueda (1998) sugere: baús de novidades e livros recomendados, exposições, teatro, visitas de autores e ilustradores, concursos, cinema etc. Prado (1981, p. 9), na década de 80, advogava em favor de que “[...] a biblioteca [cuidasse] de sua publicidade, organizando comemorações por ocasião da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, do Dia do Livro, das grandes datas nacionais, bem como exposições periódicas sobre assuntos que mereçam destaques em biblioteca, publicação do boletim de notícias, listas comunicando as novas aquisições”.

As tecnologias vieram contribuir para agilizar e melhorar os serviços de biblioteca, como também a recuperação das informações tanto por parte dos usuários quanto da equipe da biblioteca. E um aspecto importante do uso da tecnologia na biblioteca é a informatização do acervo (também chamada de automação ou automatização), que contribui tanto para o atendimento às necessidades de informação dos usuários quanto para a eficiência, organização, integração e controle das atividades realizadas e dos serviços de informação prestados. Segundo Faria e Pericão (2008, p. 673), “sistema automatizado de bibliotecas é o conjunto integrado de programas de computador que possibilita a automatização dos principais trabalhos que são levados a cabo numa biblioteca”.



Café, Santos e Macedo (2001) propõem um método para a escolha de *software* de automação de bibliotecas que possui dez grandes categorias de avaliação, que são: características gerais do *software*, ergonomia, tecnologia, seleção e aquisição, processamento técnico, circulação, recuperação da informação, disseminação da informação, processo gerencial e características da empresa fornecedora. Em cada uma dessas categorias, existem critérios estabelecidos para análise, em um total de 171. Dentre as categorias a serem analisadas, destacam-se: se o sistema permite o acesso via Internet; se o sistema permite o controle integrado do processo de empréstimo; se o sistema permite a geração de relatórios e estatísticas; se o sistema permite a importação de dados de catálogos cooperativos; se o sistema permite a geração de etiquetas com código de barras para serem colocadas nos materiais pertencentes ao acervo; se a empresa fornecedora realiza treinamentos periodicamente sobre o sistema; e se a empresa fornecedora oferece garantia de manutenção.

Entretanto, ainda segundo esses autores (2001), existem padrões que facilitam a automação e aumentam o custo-benefício dos processos automatizados, já que são adotados pelas grandes redes de bibliotecas no mundo. Esses padrões também são indicados por Côte et al. (2002) como três instrumentos essenciais ao processo de automação. O primeiro deles é a norma ISO 2709 (*Documentation Format for Bibliographic Interchange on Magnetic Tape*), que especifica os requisitos para o formato de intercâmbio de registros bibliográficos que descrevem todas as formas de documentos sujeitos à descrição bibliográfica. O segundo é o formato MARC, um padrão de comunicação que torna os dados legíveis por computador, possibilitando seu compartilhamento por meio de diferentes sistemas. Por fim, o terceiro padrão é o protocolo de pesquisa e recuperação de informações Z39.50, criado especialmente para a busca e recuperação de informações em bases de dados distintas, utilizando, para isso, uma interface de usuário comum. Esse último é o padrão utilizado nos Sistemas de Descoberta, programa automatizado de recuperação e busca da informação em diversas fontes de informação, que busca oferecer, com rapidez e agilidade, a informação mais relevante ao usuário, em um cenário onde a sobrecarga de informação dificulta o usuário recuperar a informação relevante.

A respeito do espaço físico e localização da biblioteca, as *Diretrizes da IFLA/UNESCO* recomendam:

- a) localização central, no andar térreo, se possível;
- b) fácil acesso e proximidade, perto das áreas de ensino;
- c) fatores de ruído: pelo menos algumas áreas da biblioteca devem estar livres do barulho exterior;
- d) iluminação suficiente e apropriada, por meio de janelas ou luz artificial;
- e) temperatura ambiente adequada (com utilização de ar-condicionado, aquecimento) para assegurar boas condições de trabalho durante o ano todo, como também para a preservação das coleções;
- f) dimensão adequada para abrigar as coleções de livros, jornais, revistas e fontes não impressas; áreas de estudo e de armazenagem; espaços para leitura e estudo, estações de trabalho com computador; setores de exposições, de trabalho da equipe da biblioteca, balcão de atendimento ao usuário;
- g) espaços de estudo e pesquisa destinados ao atendimento de informação e referência, aos catálogos, às estações online, às mesas para estudo e pesquisa, aos materiais de referência e às coleções básicas;
- h) espaço informal para leitura de livros e periódicos;
- i) local para atividades de treinamento/capacitação, com assentos para pequenos e grandes grupos e até para aulas formais de classes inteiras, “quadro para o professor” com tecnologia adequada ao uso didático e espaço para projeção;
- j) área para a produção e execução de projetos em grupo e reuniões de poucas pessoas, de grupos e classes, bem como instalações para a produção de mídias;
- k) área administrativa para o balcão de atendimento, salas de trabalho, processamento técnico, armazenamento de equipamentos audiovisuais e materiais de almoxarifado e suprimentos (FEDERAÇÃO..., 2005, p. 8-9).

Sobre os equipamentos eletrônicos que devem existir no ambiente da biblioteca, as *Diretrizes da IFLA/UNESCO* enfatizam que: “como a biblioteca desempenha importante função como porta de acesso à atual sociedade baseada na informação e no conhecimento, deve prover o acesso a todos os equipamentos eletrônicos, computacionais e audiovisuais necessários”

(FEDERAÇÃO..., 2005, p. 10). As diretrizes também recomendam a existência de “estações de trabalho com computador e acesso à Internet; catálogos de acesso público adequados a diferentes faixas etárias e níveis escolares dos alunos; gravadores; leitores de CD-ROM; escaners; e projetores de vídeos”. (FEDERAÇÃO..., 2005, p. 10). A importância da utilização de tecnologia de ponta nos equipamentos eletrônicos é fundamental para permitir ao usuário um uso eficaz na atividade que deseja realizar.

A acessibilidade é um importante recurso que a biblioteca deve oferecer. “Numa sociedade que se pretende inclusiva, o acesso ao conhecimento se faz ao construir canais que possibilitem ao livro “falar” na diversidade de línguas, ouvidos e olhos que temos” (PUPO; MELO; FERRÉS, 2006). Essas mesmas autoras (2006, p. 24) apresentam uma valiosa caracterização de biblioteca acessível:

Uma Biblioteca acessível é um espaço que permite a presença e proveito de todos, e está preparada para acolher a maior variedade de público possível para as suas atividades, com instalações adequadas às diferentes necessidades e em conformidade com as diferenças físicas, antropométricas e sensoriais da população. Assim, junto com a acessibilidade digital, tecnologias assistivas e uma correta organização e sensibilização dos funcionários, a acessibilidade física – urbana, arquitetônica e de produtos – representa um dos pilares centrais no planejamento de uma biblioteca acessível.

A Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que “estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade às pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida”, no seu Capítulo IV, trata da acessibilidade nos edifícios públicos ou de uso coletivo e são aplicáveis nas bibliotecas. Nesse capítulo, são apresentados alguns requisitos de acessibilidade. Nas áreas externas ou internas da edificação, destinadas à garagem e ao estacionamento de uso público, deverão ser reservadas vagas próximas dos acessos de circulação de pedestres, devidamente sinalizadas, para veículos que transportem pessoas portadoras de deficiência com dificuldade de locomoção permanente. Pelo menos um dos acessos ao interior da edificação deverá estar livre de barreiras arquitetônicas e de obstáculos que impeçam ou dificultem o acesso para pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. Os edifícios deverão dispor de, pelo menos, um banheiro acessível, distribuindo-se seus equipamentos e

acessórios de maneira que possam ser utilizados por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida. Também os locais de espetáculos, conferências, aulas e outros de natureza similar deverão dispor de espaços reservados para pessoas que utilizam cadeira de rodas e de lugares específicos para pessoas com deficiência auditiva e visual, inclusive para acompanhante, de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), de modo a facilitar-lhes as condições de acesso, circulação e comunicação. Em Federação... (2005), relata-se que as instalações físicas da biblioteca devem atender aos usuários portadores de necessidades especiais; sendo assim, todos os critérios relacionados acima, a respeito da acessibilidade, devem ser observados e atendidos no ambiente da biblioteca. Sobre os equipamentos eletrônicos e audiovisuais da biblioteca, deve-se ter computadores especialmente destinados aos portadores de necessidades especiais (visuais e físicas) (FEDERAÇÃO..., 2005). Segundo Pupo, Melo e Ferrés (2006, p. 20), a “acessibilidade ou possibilidade de alcance aos espaços físicos, à informação, aos instrumentos de trabalho e estudo, aos produtos e serviços diz respeito à qualidade de vida de todas as pessoas”.

Outro fator importante de análise na organização de bibliotecas é a equipe de funcionários, que deve ser liderada/coordenada pelo bibliotecário. O número de funcionários na biblioteca deve ser proporcional ao tamanho do acervo, ao número de alunos matriculados e ao número de horas durante as quais a biblioteca funciona. Em decorrência, o valor e a qualidade dos serviços prestados pela biblioteca dependem da equipe de funcionários, que deve ser composta por bibliotecários, técnicos de biblioteca e/ou auxiliares de biblioteca (FEDERAÇÃO..., 2005). Sugere-se também a atuação de funcionários com outra formação, que possam cooperar com o trabalho do bibliotecário, como o pedagogo, que pode dar suporte nas questões educacionais, e o técnico em informática, que pode auxiliar no gerenciamento de sistemas de automação.

Entretanto, torna-se imprescindível que o bibliotecário realize treinamento com os técnicos/auxiliares de biblioteca, já que a execução de qualquer atividade na biblioteca requer conhecimento prévio na área da biblioteconomia. O ideal é que, em todos os horários de funcionamento da biblioteca, haja sempre dois funcionários trabalhando: um bibliotecário e um auxiliar/técnico.

A não aplicação de recursos financeiros ou a grande oscilação na aplicação destes na biblioteca são fatores que contribuem para a sua não institucionalização, o seu não desenvolvimento. A literatura americana sugere a aplicação de 3% a 5% do orçamento anual institucional na biblioteca.

Cabe ressaltar que, no documento de controle e avaliação de Instituições de Ensino Superior, documento utilizado quando o Ministério da Educação

realiza o recredenciamento institucional, as bibliotecas são avaliadas em relação aos seguintes quesitos: a) *infraestrutura física*: analisa aspectos relativos ao espaço físico (dimensão, limpeza, iluminação, ventilação, segurança, acessibilidade, conservação e condições para atendimento educacional especializado); às instalações para o acervo; aos ambientes de estudos individuais e em grupo; ao espaço para técnicos administrativos e ao plano de expansão física; b) *serviços e informatização*: considera os profissionais da área de biblioteconomia; o acesso via Internet (consulta, reserva); a informatização do acervo; os bancos de dados; o empréstimo; os relatórios de gestão e o horário de funcionamento; c) *plano de atualização do acervo físico e eletrônico/digital*, considerando a coerência com o Plano de Desenvolvimento Institucional e a alocação de recursos (BRASIL, 2014).

Para finalizar este capítulo, apresentam-se os *Princípios da biblioteca na educação superior*, entendendo que, se esses princípios forem colocados em prática, haverá uma gestão eficaz e eficiente da biblioteca:

1. Efetividade institucional: bibliotecas definem, desenvolvem e medem resultados, isso contribui para a efetividade institucional e aplica propósitos de melhoria contínua.

2. Valores profissionais: profissionais de bibliotecas antecipam valores de liberdade intelectual e valores e direitos da propriedade intelectual, utilizando privacidade e confidencialidade, colaboração e serviços centrados nos usuários.

3. Papel educacional: parceria da biblioteca na missão educacional da instituição, para desenvolver e apoiar o aprendizado em competência informacional, que pode descobrir, acessar e usar efetivamente a informação para o sucesso, pesquisa e aprendizado ao longo da vida dos acadêmicos.

4. Descoberta: bibliotecas permitem aos usuários descobrirem informação em todos os formatos pelo uso efetivo de tecnologia e da organização de conhecimento.

5. Coleções: bibliotecas provêm acesso a coleções que são referências em qualidade, profundidade, diversidade, formato e atualidade, para apoiar a pesquisa e missões pedagógicas da instituição.

6. Espaço: bibliotecas são terras de intelectuais comuns, onde os usuários interagem com ideias em ambientes físicos e virtuais, para ampliar, aprender e facilitar a criação de novo conhecimento.

7. Gestão/Administração: bibliotecas se ocupam de planejamento e avaliação contínuos para distribuir os recursos de informação e satisfazer efetivamente e eficientemente sua missão.

8. Pessoal: bibliotecas provêm número suficiente e qualidade de pessoal para garantir a excelência e a bem-sucedida função em um ambiente de mudança contínua.

9. Relações externas: bibliotecas envolvem o *campus* e a comunidade ao redor, por meio de estratégias múltiplas para advogar, instruir e promover seus valores (AMERICAN..., 2011, tradução nossa).

## 4.2. O Bibliotecário como gestor

*Caroline da Rosa Ferreira Becker*

O bibliotecário é o profissional qualificado para gerenciar a biblioteca. Evans, Ward e Rugaas (2000), no livro *Management basics for information professionals*, indicam as habilidades e os conhecimentos necessários para os gestores, incluindo: informações básicas sobre o processo de planejamento; o entendimento do que é o processo de planejamento; e as relações existentes entre poder, autoridade, responsabilidade, delegação, motivação e liderança. Os autores ainda ressaltam a necessidade de atenção para a gestão de recursos humanos, físicos (instalações), financeiros e tecnológicos. E afirmam que bons gerentes não nascem prontos; são formados. Para a formação destes, apontam, como fator essencial, a motivação para aprender e ampliar suas competências.

Dante (2000) explica que as habilidades desse profissional devem estar associadas à biblioteconomia, à administração, à tecnologia, à informação, à comunicação, aos negócios e à cultura geral. Marquardt, da mesma forma, entende a profissão de bibliotecário como uma ponte entre a Educação e a Biblioteconomia, para servir comunidades que aprendem (na escola, na universidade, em nível local, etc.), e a educação e a socialização do conhecimento como fatores-chave do desenvolvimento de sociedades com níveis elevados de letramento (informação verbal<sup>2</sup>).

---

2 Informação concedida por Luisa Marquardt, na 42ª Conferência Internacional da Associação de Biblioteconomia Escolar (IASL), em Bali, Indonésia, em 29 de agosto de 2013.

A profissão de bibliotecário, surgida em 1962, teve, com o passar dos tempos, de se aprimorar em virtude das modificações que ocorreram no ambiente sócio-político-econômico e, principalmente, tecnológico brasileiro.

O final da década de 80 trouxe para a Biblioteconomia uma indagação que ainda não encontrou resposta definitiva: quem é o profissional da informação capaz de enfrentar desafios e dificuldades provocados pelas grandes mudanças ocorridas pela chegada da era da informação? (VALENTIM, 2000, p. 107).

Com o advento da Internet, os profissionais passaram a trabalhar com uma grande quantidade de informação e necessitaram dominar as novas formas de acesso aos principais bancos de dados na rede mundial de computadores. Ao trabalhar com a Internet, a tecnologia e suas possibilidades, o bibliotecário tem alternativas que aumentam a qualidade e a capacidade dos serviços prestados pela biblioteca.

Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), o bibliotecário é o profissional da informação. E, como descrição das atividades desse profissional, a CBO apresenta:

Disponibilizam informação em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas. Podem prestar serviços de assessoria e consultoria.

No entanto, Almeida Júnior (2000, p. 42) defende que “a idéia de profissional da informação não é específica nem prerrogativa do bibliotecário, ao contrário, identifica ela uma gama de profissões que lidam com a informação”. Nessa linha de pensamento, Souza (1997) relata que o bibliotecário parece ainda não saber construir sua cidadania, mesmo com todo o direito à informação e à leitura (pois se diz profissional da informação e da biblioteca). Considerar-se insubstituível na biblioteca ou nas atividades informacionais é uma forma de desconhecer a dinâmica da sociedade. Não é somente o direito à informação e à leitura que deveriam ser discutidos,

mas também a prática da leitura e o uso da informação resultante. A respeito do uso da informação, Silva e Cunha (2002, p. 82) apresentam o papel do bibliotecário como gerenciador da informação:

O papel mais importante do bibliotecário no século XXI parece ainda ser o de gerenciador da informação. A importância dessa tarefa pode ser assim colocada: o grande problema desse século é a superabundância de informação. Então, se não possuímos sistemas e estratégias adequadas de acesso à informação ou estivermos despreparados para acessá-las, de que servirá tanta informação? Do que servirá a tecnologia, se a maioria das pessoas não saberá utilizá-la ou não terá acesso a elas? Os computadores e os sistemas inteligentes de processamento de dados podem até assumir parte dessa tarefa. No entanto, a organização e a manipulação de toda essa informação requer instruções, e aqui é que o bibliotecário poderá contribuir. Tal tarefa influenciará diretamente a vida de todas as pessoas e irá requerer competências de cunho educativo, intelectual, social e tecnológico.

Baptista (2009) considera que, dentre as categorias profissionais relacionadas ao tratamento da informação, o bibliotecário parece ser o mais afetado em suas competências, funções e atribuições. O motivo dessas mudanças é consequência da evolução ocorrida no âmbito da biblioteca como instituição, reflexo da diversificação nos suportes de informação, ou como resultado inevitável das modificações que a tecnologia introduziu nas rotinas da biblioteca. Porém, apesar dessas alterações que afetaram a biblioteconomia, o bibliotecário nem sempre está preparado para também repensar sua prática profissional. A respeito desse assunto, Almeida Júnior (2004, p. 81) esclarece:

A exemplo da pesquisa escolar, o bibliotecário acredita que as atuais tecnologias propiciam, de fato, a decantada, enaltecida e propalada “democratização da informação”. A todos é dado o direito, a partir das novas TIC, de acesso, uso e apropriação das informações existentes no universo virtual. A democratização da informação, na amplitude com a qual é entendida e divulgada, é uma falácia, e só existe no discurso, que pretende apresentar uma realidade falseada, ideologicamente falseada.



Almeida Júnior (2004) defende que o bibliotecário deve atuar como mediador da informação, fazendo com que o usuário compreenda e assimile o conteúdo informacional, o qual nos é apresentado em uma quantidade muito grande. As tarefas dos bibliotecários - como participantes ativos no contexto educacional - são apresentadas pelas Diretrizes da IFLA/UNESCO, as quais muito se assemelham às funções desempenhadas por um administrador:

- analisar os recursos e as necessidades de informação da comunidade educacional;
- formular e implementar políticas para o desenvolvimento de serviços;
- desenvolver políticas de aquisição e sistemas para os recursos da biblioteca;
- catalogar e classificar os materiais da biblioteca;
- oferecer instrução no uso da biblioteca;
- capacitar professores e alunos no conhecimento e uso da informação;
- prestar atendimento a estudantes e professores no uso dos vários recursos da biblioteca e das tecnologias da informação;
- responder a questões de referência e informação, utilizando materiais apropriados;
- promover programas de leitura e eventos culturais;
- participar do planejamento de atividades relacionadas à implementação do programa institucional;
- participar do preparo, da implementação e avaliação de atividades de ensino;
- promover a avaliação dos serviços da biblioteca, como parte integrante do sistema geral de avaliação da instituição;
- efetuar parcerias com organizações externas;
- preparar e implementar orçamentos;
- desenvolver planejamento estratégico;
- gerenciar e promover treinamentos da equipe da biblioteca. (FEDERAÇÃO..., 2005, p. 14).

Também a leitura torna-se tarefa primordial desses profissionais, já que, para incentivar a ler, o bibliotecário deverá ser, antes de tudo, um grande leitor. Não basta apenas a formação acadêmica, mas é preciso uma autoeducação contínua, por meio da pesquisa, da reflexão e do crescimento intelectual.

O bibliotecário, pela especificidade de sua ação, deve namorar os livros, demonstrando, sempre, uma paixão pessoal pela leitura. Para isso, deve refletir muito sobre a sua própria formação. Quer dizer: perguntar se o seu trajeto e seus processos de formação acadêmica estão permitindo o desenvolvimento do gosto pela leitura e o incremento do seu repertório de leitura (SILVA, 1999, p. 128).

A profissão de bibliotecário está, ainda, muito regrada por conceitos técnicos, que pouco expõem sua função social e educativa, no sentido de auxiliar a comunidade de usuários na utilização das fontes de informação, de ensinar o usuário a buscar, analisar e compreender a informação, de incentivar o estudante ou pesquisador a ler e frequentar a biblioteca, de oportunizar momentos culturais e, principalmente, de desenvolver o gosto pela leitura.

O problema da biblioteconomia brasileira está na mentalidade retrógrada de um grande número de bibliotecários, que se apresentam como pequenas autoridades: donas dos espaços públicos; reprodutoras cegas de normas esclerosadas; escravas das fichas de catalogação e de sistemas fechados de consulta; seguidoras servis dos códigos (e não dos caminhos concretos da vida); zumbis de espaços compartimentalizados; marionetes alienadas que só funcionam ao toque da burocracia, incapazes de sair dos enferrujados trilhos do tecnicismo; débeis vivendo atrás das barreiras de seus balcões; seres desacostumados ao diálogo; cópias carbono dos totens autoritários e tocadoras da mesmice, cujo único desafio na vida é saber quando vai sair a aposentadoria para que continuem a fazer nada do nada que sempre fizeram (SILVA, 1999, p. 99).

As palavras de Silva (1999) incomodam, parecem bruscas e, embora tenham sido escritas há 16 anos, revelam características infelizmente ainda existentes em alguns profissionais bibliotecários, que se preocupam muito com a técnica e pouco com a prática da disseminação da informação, com a

formação de leitores, com o bom contato com os usuários, com o seu papel social. Torna-se evidente que o histórico das bibliotecas contribuiu para algumas dessas posturas, já que o profissional bibliotecário teve, em alguns períodos da história das bibliotecas no Brasil, o fim de sua autoridade e a descontinuidade de seus trabalhos. Também a sociedade tem pouca noção do fazer bibliotecário, porém, é o próprio bibliotecário que deve atuar com competência, mostrando quão ampla é a profissão e o quanto é necessária na atual sociedade da informação e do conhecimento.

Também os cursos de biblioteconomia ainda possuem, em seus currículos, grande carga horária de disciplinas técnicas. Souza (1996, p. 51) solicita que as escolas de biblioteconomia “[...] não se limitem simplesmente à formação decorrente da ministração de conteúdos técnicos, instrumentais, idiotizantes, mas que avancem pelos conteúdos históricos, filosóficos, políticos, etc.”. Ainda segundo o autor, isso poderia dar ao bibliotecário a compreensão da dimensão de seu valor social.

Burke (2003, p. 57) enfatiza que os bibliotecários deveriam ser “agentes para o progresso do saber universal”, e Mattelart (2002, p. 137) afirma que “não faltam exortações que insistem na urgência de se estimular ativamente a aquisição de conhecimentos e de competências”, com o fim de “transformar a sociedade da informação emergente em uma sociedade do saber”. É possível que o profissional bibliotecário, comprometido com o seu papel social e educacional, que atue como gestor da biblioteca e busque aprender cada vez mais, contribua para essa transformação



## 5. O diagnóstico das Bibliotecas da RFEPC

Conhecer a realidade é a base para se planejar o futuro. Este olhar é que nos permite reconhecer os caminhos trilhados, identificar avanços obtidos e desafios a superar, assim como oportunidades para se desenvolver. O panorama das bibliotecas da RFEPC, ora apresentado, retrata um momento específico da sua história, e, a partir dele, pode-se refletir sobre a realidade e vislumbrar novos caminhos.

Os resultados alcançados, por meio deste estudo, representam a força de uma rede de bibliotecários atuantes na RFEPC que se organizaram em nível nacional e criaram a CBBI (Comissão Brasileira de Bibliotecas da RFEPC, descrita na seção 3.2). Participam dessa Rede bibliotecários de todo o Brasil que acreditam que a cultura da participação e o compartilhamento de informações e conhecimentos contribuem para a sua aprendizagem pessoal e, conseqüentemente, para a atualização permanente de seus ambientes de trabalho. A lista de discussão em meio eletrônico, com o apoio direto de Artur da Silva Moreira, então Presidente da CBBI, constituiu elemento decisivo para que o alcance da amostra fosse de alta representatividade.

Os dados foram coletados a partir de um questionário (APÊNDICE) desenvolvido com base no instrumento de pesquisa idealizado por Becker (2010). Sua estruturação foi organizada em 5 blocos:

- a) caracterização do respondente;
- b) estrutura organizacional;
- c) organização: acervos, informatização e espaço físico;
- d) serviços;
- e) e equipe.

Anteriormente à sua aplicação, as autoras realizaram uma sensibilização com os bibliotecários e uma palestra sobre os objetivos do estudo, em julho de 2013, durante uma Reunião Técnica da CBBI, que ocorreu em Florianópolis.

Inicialmente, os questionários foram enviados para pessoas identificadas em cada instituição como possíveis responsáveis pelas bibliotecas,

porém a taxa de retorno foi incipiente. Por esse motivo, a estratégia foi modificada, e o questionário foi enviado aos bibliotecários da Rede via lista de discussão *online*, ressaltando-se que o documento deveria ser respondido pelo responsável de cada biblioteca que compõe a RFEFCT.

Partindo-se do princípio de que cada *campus* deveria ter uma biblioteca, a definição sobre o universo da pesquisa teve como referência a Portaria 994, de 7 de outubro de 2013, para se verificar o quantitativo e os nomes de *campus* dos institutos federais existentes. O Colégio Pedro II, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e os Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) de Minas Gerais e do Rio de Janeiro também fizeram parte do estudo, e o número de bibliotecas foi confirmado via contato telefônico.

Sendo assim, o universo do estudo ficou composto de 463 *campi*. Destes, 416 correspondem a *campi* de IFS, e 47 referem-se a *campi* dos CEFETs MG e RJ, UTFPR e Colégio Pedro II.

O período de recebimento das respostas ocorreu entre os meses de agosto a dezembro de 2013. A tabulação e a organização final dos resultados foram realizadas entre os meses de fevereiro a julho de 2014.

Destaca-se aqui que os dados referentes ao quesito “estrutura organizacional das bibliotecas” e “sistema de gerenciamento de acervos”, coletados até dezembro de 2013, foram atualizados em março de 2015. A atualização se deu por meio de respostas obtidas via lista de discussão da CBBI e consultas nos sites das bibliotecas. Tal fato ocorreu em função de que várias bibliotecas estavam em processo de estruturação no período da pesquisa, as quais nos comunicaram as alterações.

Obteve-se retorno do questionário referente a 376 *campi*, ou seja, 82% do nosso universo da pesquisa, dentre os quais 317 representaram respostas completas ao questionário e 59 respostas incompletas, por se tratarem de *campi* em implantação (sem biblioteca ou sem bibliotecário).

Considerando o alto índice de respostas obtidas, o nível de confiança dos resultados é igual a 95%, com uma margem de erro inferior a 2,5%, utilizando-se o método estatístico de “distribuição normal com população conhecida”. Esse dado revela a confiabilidade dos resultados e a grande participação dos bibliotecários da RFEFCT neste estudo.

Na sequência, apresentam-se os resultados e as reflexões sobre as 317 respostas completas, seguindo-se a organização do questionário.

## 5.1. Caracterização dos respondentes

Responderam ao questionário, de forma completa, representantes de 317 bibliotecas, assim distribuídos:

- 282 bibliotecas de *campi* pertencentes a 37 Institutos Federais;
- 16 bibliotecas pertencentes a 2 CEFETs;
- 8 bibliotecas pertencentes ao Colégio Pedro II e;
- 11 bibliotecas de *campi* da UTFPR.

Destacamos que o único IF de cujas bibliotecas não obtivemos retorno foi o de Amapá.

## 5.2. Estrutura organizacional

A estrutura organizacional das bibliotecas dentro de uma instituição é uma questão primordial para o gerenciamento das mesmas, especialmente em estruturas *multicampi*, como é o caso da RFEPCT. Cada *campus* possui a sua estrutura organizacional composta por várias unidades e, dentre elas, a biblioteca. Porém, sabe-se que, para as bibliotecas desenvolverem suas ações com mais eficiência e eficácia, é fundamental que trabalhem de forma articulada e integrada, visando otimizar os recursos, compartilhar serviços e produtos e dinamizar ações de forma unificada.

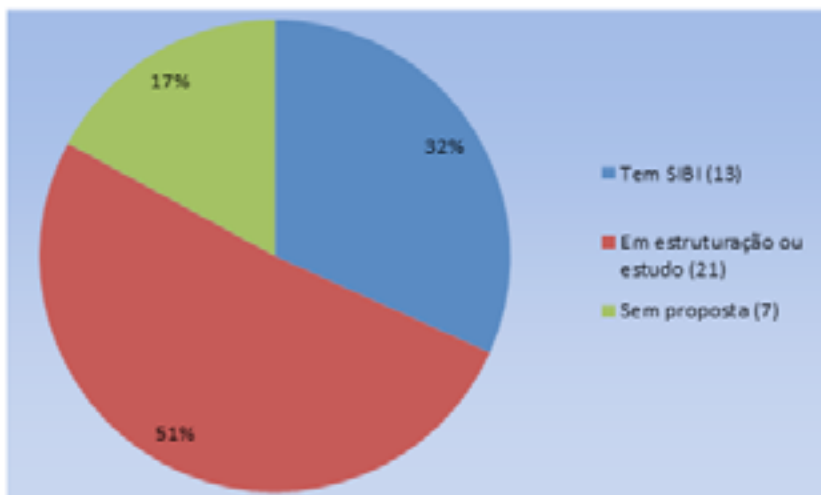
Para que se formalize essa integração das bibliotecas, é necessário que a instituição crie uma unidade organizacional sistêmica que congregue todas as bibliotecas de *campus*, comumente denominada de “Sistema de Bibliotecas”. Entende-se, como Sistema de Bibliotecas (SIBI), o conjunto de bibliotecas, pertencentes à mesma instituição e que estão interligadas por objetivos comuns, havendo a padronização e compartilhamento de serviços e produtos (CUNHA; CAVALCANTI, 2008). Nessa estrutura, ocorre o compartilhamento de saberes e competências pelos profissionais bibliotecários participantes do sistema e há liderança de um profissional bibliotecário para dinamizar a gestão integrada das bibliotecas.

A formalização desta unidade organizacional envolve a organização de regimento e regulamentos únicos, criação de uma estrutura composta de uma coordenação e demais segmentos a ela vinculados, e uma localização definida na estrutura organizacional maior da instituição.

Em 2011, Faqueti, Becker e Fontana (2011) realizaram um estudo exploratório buscando identificar a existência de Sistemas de Bibliotecas nos Institutos Federais. O estudo foi realizado junto a documentações referentes aos organogramas institucionais disponíveis nos *sites* oficiais dos Institutos. Nessa busca, as autoras identificaram somente uma instituição com um sistema de bibliotecas, a saber, o Instituto Federal de Santa Catarina.

Após dois anos, os resultados desta pesquisa apresentam um novo quadro da situação. Os resultados em 2014 apontaram que 68% das Instituições possuíam SIBI estruturado ou estavam em processo de organização. Com a atualização dos dados, em março de 2015, constata-se que o movimento continua crescente, passando de 68% para 83% as instituições que possuem SIBI estruturado ou em estruturação. Importante salientar que a institucionalização das bibliotecas na Instituição se dá oficialmente pela presença do Sistema de Bibliotecas (o que hoje representa 32% das Instituições, e, em 2014, representava iguais 32%). O que se observa, conforme mostra o Gráfico 01, é que existe uma movimentação nas instituições da Rede no sentido de se formalizar estruturas organizacionais sistêmicas, pois 51% das Instituições estão em processo de estruturação ou realizando estudos para a implantação do SIBI.

**Gráfico 01 – Processo de estruturação de Sistemas de Bibliotecas – SIBI**  
(dados atualizados em 2015)





A gestão integrada das bibliotecas é uma necessidade frente à complexidade dos serviços e produtos a serem implementados nas bibliotecas. Sua implantação propicia:

- a) O desenvolvimento de uma proposta integrada de gestão participativa;
- b) a construção de uma rede de cooperação e parcerias entre os *campi*;
- c) o compartilhamento e intercâmbio de serviços e produtos;
- d) a otimização no uso dos recursos financeiros;
- e) a melhoria da qualidade dos serviços e atendimento de suas demandas, e
- f) a cooperação na gestão das instituições educacionais.

Ressalta-se que cada biblioteca possui suas particularidades que devem ser respeitadas; entretanto, a importância da construção de diretrizes comuns e meios de compartilhamento de serviços e produtos, que contribuam para o desenvolvimento de todas as bibliotecas de forma equitativa, é o objetivo maior.

A cultura organizacional para o desenvolvimento de trabalhos cooperativos em equipes influencia diretamente o desempenho qualitativo das bibliotecas que atuam em rede, pois: “[...] é a partir de um ambiente favorável e de uma equipe coesa que se pode começar a pensar em compartilhamento de informações e gestão do conhecimento de um modo mais preciso, entendendo o processo e sabendo como se podem usar os resultados dessa ação em prol do desenvolvimento institucional” (ARAÚJO, 2010, p. 247).

Lubisco (2011, p. 46) apresenta, no indicador de “Desenvolvimento Institucional”, os critérios para avaliação do Órgão Coordenador (OC) de um sistema de bibliotecas para bibliotecas universitárias, sendo que os critérios para o alcance do conceito mais alto, nível 5, é assim descrito:

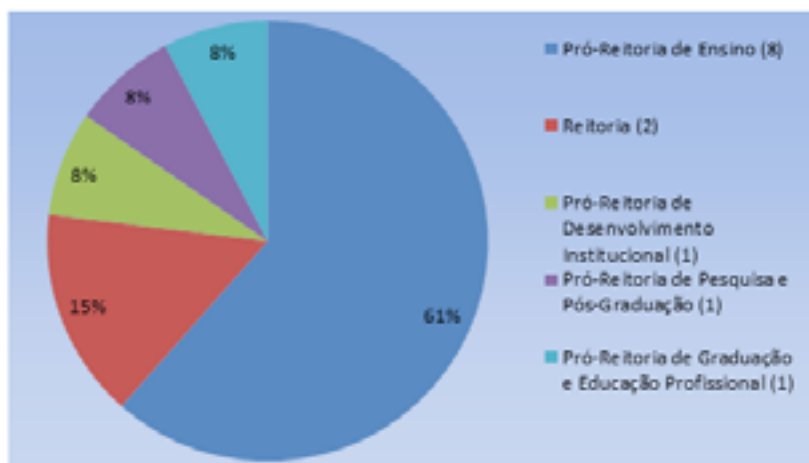
1. O Órgão Coordenador (OC) depende organicamente da reitoria ou de uma pró-reitoria (ou órgão equivalente);
2. O OC está incluído no plano da IES, no qual baseia sua missão, e participa do processo de planejamento institucional;
3. A instituição destina recursos específicos para o OC, ou seja, ele é uma unidade orçamentária da IES;

4. O orçamento para o OC é determinado regimentalmente e representa um mínimo de 4 ou 5% do orçamento da IES (recursos do Tesouro, no caso das IES públicas; e recursos globais da Instituição, no caso das IES privadas), excluindo-se a folha de pagamento;
5. O OC controla a receita prevista, a receita real e as despesas realizadas;
6. O OC tem infraestrutura e estrutura para captar e gerenciar recursos externos procedentes de projetos, editais, departamentos, programas de pós-graduação etc. e oriundos da prestação de serviços à comunidade externa, que contribuam para o seu autofinanciamento.

Esta pesquisa não contemplou questões específicas sobre os processos relacionados aos recursos orçamentários, mas os diálogos e mensagens informais, compartilhadas por meio da lista de discussão e nos encontros nacionais de bibliotecários, permite-nos inferir que a maioria das coordenações dos SIBI não é considerada uma unidade orçamentária e não tem infraestrutura para captar e gerenciar recursos externos. A determinação de percentuais mínimos do orçamento para aplicação em bibliotecas também foi tema na lista de discussão, mas, apesar do consenso entre os bibliotecários sobre a importância dessa questão, acredita-se que poucas bibliotecas ou SIBI alcançaram sucesso.

Quanto à dependência orgânica do órgão coordenador do SIBI, o Gráfico 02 apresenta o resultado referente ao nível de vinculação dos 13 SIBI formalmente constituídos.

**Gráfico 02 – Vinculação do órgão coordenador do SIBI**

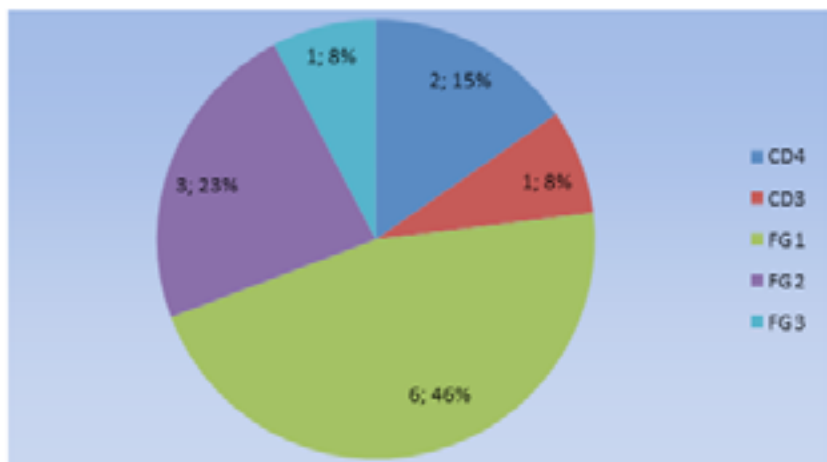


Os resultados indicam uma tendência acentuada de vinculação do órgão coordenador junto à Pró-Reitoria de Ensino. Porém, os bibliotecários da Rede manifestaram-se formalmente por meio do documento de recomendação discutido e entregue ao CONIF no I Encontro de Representantes das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica - I ERBI, expressando seu posicionamento quanto à estrutura organizacional das bibliotecas dentro das instituições da RFEPC, e considerando mais adequada:

- a) a criação de uma diretoria sistêmica e *multicampi* ligada diretamente à Reitoria;
- b) a criação de um comitê consultivo ligado à diretoria sistêmica;
- c) a vinculação das bibliotecas dos *campi* a esta diretoria sistêmica, formando o sistema de bibliotecas;
- d) a diretoria sistêmica e *multicampi* ligada à Reitoria e o exercício das coordenações das bibliotecas de *campus* por bibliotecário de carreira.

A criação de um órgão coordenador do SIBI é uma ação institucionalizada e, por isso, deve estar presente no organograma institucional. Estando dentro de uma estrutura de nível federal, a coordenação do Sistema de Bibliotecas receberá uma gratificação. Nesse sentido, pode-se constatar que as coordenações ou diretorias de bibliotecas recebem gratificações diferenciadas, conforme visualizado no Gráfico 03, a seguir:

**Gráfico 03 - Gratificação de Função destinada a Coordenação/Direção dos SIBI**



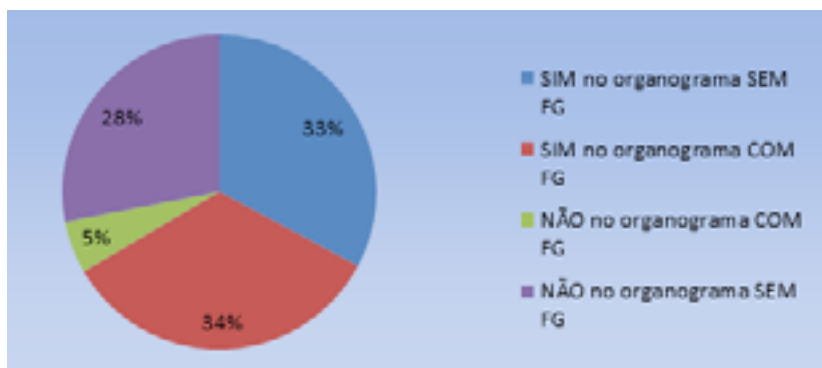
Provavelmente uma das causas dessa diversidade de níveis de gratificações de gestão ofertadas às coordenações de bibliotecas deve-se ao número de funções gratificadas e cargos de direção disponíveis em cada instituição. Por exemplo: instituições da REFPCT mais antigas tendem a ter um número maior de gratificações para distribuição.

Outro fator que podemos supor refere-se a aspectos culturais. A maioria das instituições que compõem a Rede, tradicionalmente, ofereciam cursos técnicos de nível médio, e suas bibliotecas eram únicas e enquadradas como escolares. Ou seja, a percepção sobre a atuação da biblioteca necessita ser atualizada. Com a diversificação da oferta de cursos, abrangendo o nível superior, médio, PRONATEC, Programa de Educação de Jovens e Adultos, dentre outros, o espectro de atuação destas instituições ampliou sobremaneira, e as bibliotecas gradativamente também estão tendo de se atualizar.

A presença das bibliotecas nos organogramas também pode ser percebida sob o ângulo de cada *campus*. A estrutura organizacional das instituições segue um modelo descentralizado, sendo que cada *campus* possui autonomia administrativa. Nessa perspectiva, sabendo-se que a maioria dos *campi*/unidades possuem um organograma próprio, questionou-se sobre a presença da Biblioteca como uma unidade organizacional nesses organogramas.

Os resultados do estudo revelam que 67% das bibliotecas respondentes afirmam que estão presentes nos organogramas; contudo, apenas 34% dos bibliotecários responsáveis recebem função gratificada para exercer a função de coordenação. Por outro lado, existem bibliotecários que recebem gratificação, mas as bibliotecas em que atuam não constam em organograma (5,4%), conforme demonstra o Gráfico 04 a seguir:

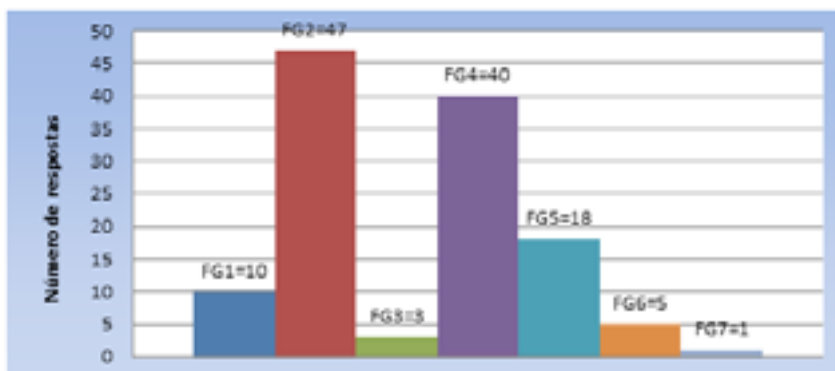
**Gráfico 04 - Presença do setor “Biblioteca” nos organogramas dos *campi***



Novamente aqui se percebe o alto grau de diversidade na composição das estruturas organizacionais na RFEPECT no tocante às bibliotecas. Existe um movimento de reconhecimento das bibliotecas enquanto unidade organizacional que deve estar presente no organograma; porém, na distribuição de funções gratificadas, esta unidade é pouco respaldada.

Questionados sobre qual gratificação de função recebida, pôde-se constatar uma tendência maior na disponibilização de FG2 e FG4 para o exercício da função de chefia/coordenação da biblioteca do *campus* (Gráfico 05).

**Gráfico 05 - Funções Gratificadas para coordenações/chefias de bibliotecas nos *campi***

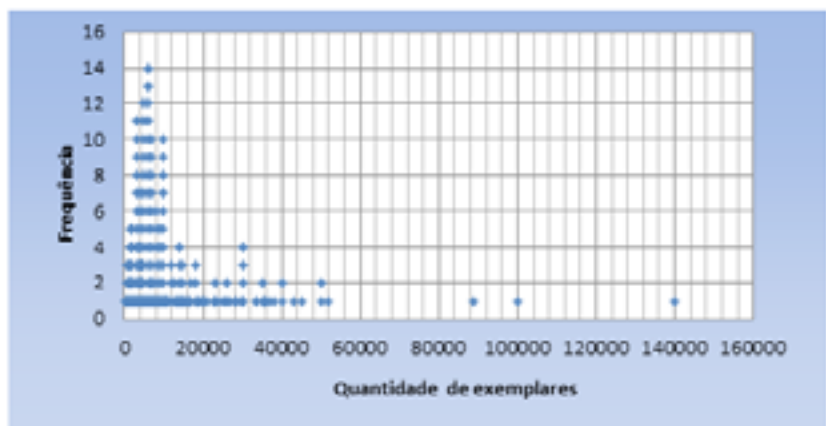


O nível de responsabilidade dos bibliotecários na gestão das bibliotecas de cada *campus*, especialmente quanto aos processos de gerenciamento de pessoas e acervos, responsabilidade patrimonial e aplicação eficiente dos recursos financeiros, é significativo. Apesar de ser baixo o número de bibliotecários que recebem gratificação para o exercício desta função, percebe-se que existe uma inclinação maior para a oferta de FG1 e FG2 (57 bibliotecas), em relação a FG3 e FG4 (43 bibliotecas).

## 5.3. Composição dos acervos

Quanto ao número de exemplares (volumes) que compõem os acervos das bibliotecas da Rede, pode-se verificar, pelo Gráfico 06, que a maioria das respostas concentra-se no quantitativo mediano de 6000 exemplares.

Gráfico 06 - Número de exemplares no acervo de cada biblioteca



Esse resultado vem corroborar o processo de expansão da Rede nos últimos cinco anos. A maioria das bibliotecas da Rede foi criada após 2009 e ainda está em processo de formação de seus acervos, por isso possui acervos pequenos. As bibliotecas que possuem acervos superiores a 20.000 exemplares se referem a *campi*/unidades existentes antes da expansão de 2008. Esses acervos são predominantemente compostos por livros, multimídias e periódicos, como é possível visualizar no Gráfico 07 (ver próxima página):

## Gráfico 07 - Composição dos Acervos das bibliotecas da RFEPECT

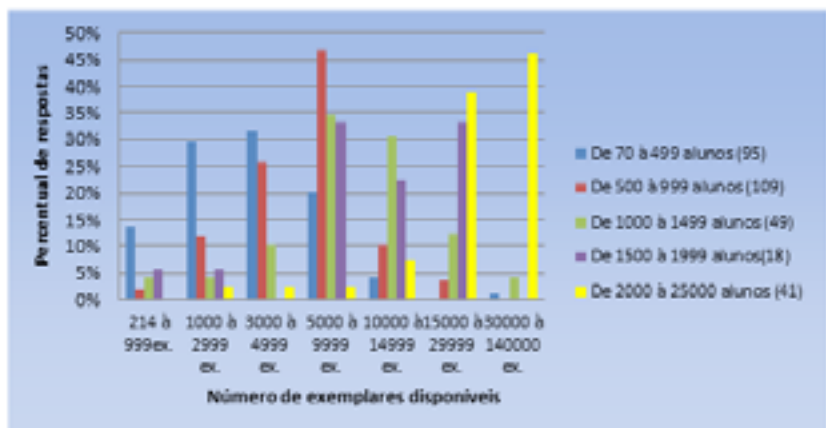


Vale destacar que um percentual de 67,5% (214) bibliotecas oferecem acesso ao portal CAPES. Tal dado vai de encontro à informação fornecida pela CAPES, de que todas as Instituições da Rede possuem acesso ao portal, mesmo que possuam pacotes de coleções diferenciados de acordo com as áreas relacionadas aos cursos ofertados. Uma justificativa para a não obtenção do resultado de 100% de acesso ao portal provavelmente é a existência de problemas quanto à estrutura ou velocidade da Internet disponível.

Outro ponto a destacar, ainda, refere-se ao baixo número de oferta de livros em formato eletrônico, seja por meio de assinatura ou por meio de aquisição perpétua. Um dos fatores que pode ser considerado como impedimento é o valor do investimento, especialmente se for efetuado por *campus* isoladamente. O formato mais indicado para aquisição desse tipo de obra é via SIBI, pois atenderá a todas as bibliotecas da instituição. Vale lembrar que acervos digitais, considerando as tendências mundiais, tendem a crescer nos próximos anos e são muito aceitos pela atual geração de usuários.

O quantitativo de acervo de uma biblioteca está estreitamente ligado ao número de usuários a quem ela se destina. Cruzando essas duas informações coletadas, pode-se perceber, no Gráfico 08, que 109 respondentes informaram que suas bibliotecas atendem de 500 a 999 alunos (cor vermelha), e, destes, 47% responderam que seus acervos estão entre 5000 a 9999 exemplares. Em segundo lugar, 95 respondentes (cor azul) apontaram que atendem um público entre 70 a 499 alunos.

Gráfico 08 - Número de alunos do *campus* X exemplares do acervo



Os resultados informam que a maioria, ou seja, 65% (109 + 95) das bibliotecas atendem um universo de até 999 alunos, representados no gráfico pelas cores azul e vermelha. A concentração referente ao quantitativo de exemplares em bibliotecas que atendem até 499 alunos (cor azul) incide de forma mais significativa dentro de uma composição de acervos entre 1000 e 4999 exemplares. Já as bibliotecas que atendem de 500 a 999 alunos (cor vermelha) tendem a ter um quantitativo médio superior, entre 3000 e 9999 exemplares.

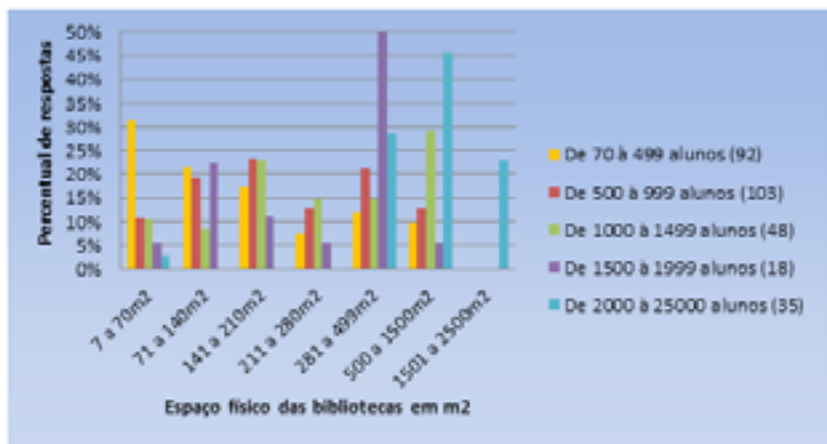
Esse resultado permite inferir que os *campi* estão investindo na composição de acervos de forma substancial, considerando que a maioria dessas bibliotecas foram criadas após 2009 e, portanto, são relativamente novas.

## 5.4. Espaço Físico

No tocante ao espaço físico das bibliotecas, pode-se constatar, na leitura do Gráfico 09, que a grande maioria não ultrapassa o tamanho de 210 m<sup>2</sup> (conforme colunas nas cores amarelo e vermelho), e atendem até 999 alunos. 75% das bibliotecas ocupam um espaço físico inferior a 401 m<sup>2</sup>. Importante destacar o grande número de bibliotecas (30) que atende até 499 alunos (coluna amarela), e que tem até 70 m<sup>2</sup> (tamanho de uma sala de aula) em seu espaço físico.



Gráfico 09 - Número de alunos do campus X espaço físico



Buscando-se analisar a possível relação entre o tamanho das bibliotecas e o número de alunos para os quais se destinam, percebe-se que existe uma diversidade muito grande, podendo-se inferir que os gestores, ao dimensionarem os espaços físicos para suas bibliotecas, não estão utilizando nenhum parâmetro relacional.

Para calcular a área física ideal de uma biblioteca, recomenda-se utilizar os parâmetros apresentados por Lubisco (2011):

- 1m<sup>2</sup> para cada aluno matriculado e 1 assento para 5 alunos (padrão 5);
- 1m<sup>2</sup> para cada aluno matriculado e 1 assento para 6 a 7 alunos (padrão 4);
- 0,50 m<sup>2</sup> para cada aluno matriculado e 1 assento para 8 a 10 alunos (padrão 3 - mínimo).

Constata-se, assim, por meio do Gráfico 09, a necessidade de se investir esforços para ampliação urgente dos espaços físicos destinados às bibliotecas.

A área física de uma biblioteca se destina a contemplar espaços não somente para acervos e usuários, mas para atender o desenvolvimento de inúmeras ações a ela pertinentes. O Gráfico 10, a seguir, apresenta as áreas existentes nas bibliotecas da Rede.

## Gráfico 10 - Espaços internos disponíveis nas bibliotecas



A visualização do Gráfico 10 permite afirmar que as bibliotecas estão em processo de estruturação e ratifica o resultado analisado por meio do Gráfico 09, que mostrou que a área física das bibliotecas, em sua maioria, está aquém de suas necessidades. Apenas 39% das bibliotecas oferecem uma estrutura mínima para atender seu público.

Importante salientar que, sendo as instituições da RFEPT equiparadas às universidades, com oferta de cursos de nível superior, cumpre-se verificar se as bibliotecas estão disponibilizando áreas específicas para estudos individuais e em grupo, conforme os padrões mínimos avaliados em processos de credenciamento institucional. O Gráfico 10 acima informa que somente uma minoria de bibliotecas (menos de 50%) disponibiliza essas áreas. Tal fato tende a prejudicar o resultado de processos de avaliação institucional pelos órgãos competentes, já que constitui um dos critérios de pontuação.

Quanto às áreas internas, ressalta-se a importância de que estas apresentem espaços para estudo individual e estudo em grupo, nas seguintes proporções (LUBISCO, 2011):

Sala de estudo em grupo:

- 1 sala de 4 a 6 lugares em quantidade de 5% do total de alunos (padrão 5);
- 1 sala de 4 a 6 lugares em quantidade de 3% do total de alunos (padrão 4);

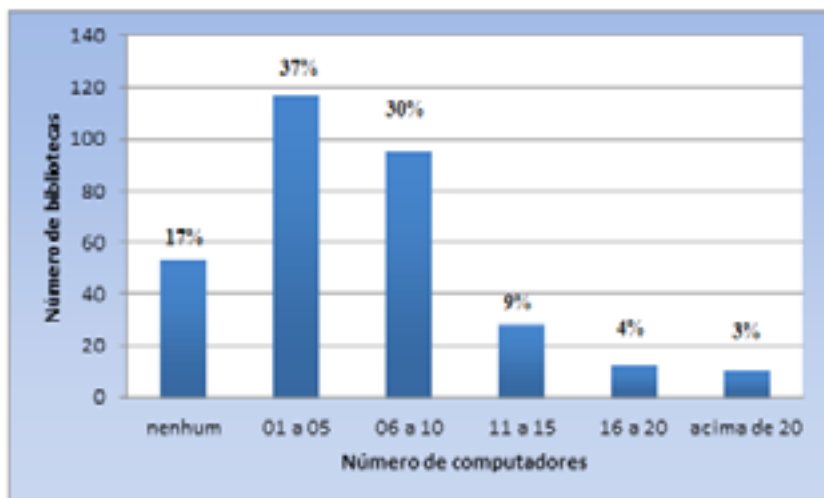
- 1 sala de 4 a 6 lugares em quantidade de 1% a 2% do total de alunos (padrão 3).

Área de estudo individual:

- 1 mesa individual na quantidade de 8% do total de alunos (padrão 5);
- 1 mesa individual na quantidade de 4% a 5% do total de alunos (padrão 4);
- 1 mesa individual na quantidade de 2% a 3% do total de alunos (padrão 3).

A disponibilidade de computadores com acesso à Internet, para utilização dos usuários em suas pesquisas, estudos e elaboração de trabalhos, também foi investigada nesse diagnóstico. Apesar de somente 57% dos respondentes informarem a existência de áreas específicas para computadores (Gráfico 10), 83% (262 bibliotecas) oferecem computadores/netbooks/notebooks com acesso à Internet. Conforme pode ser visualizado no Gráfico 11, a maioria das bibliotecas oferece de 1 a 10 computadores (67%, 212 respostas).

**Gráfico 11 – Número de computadores disponíveis aos usuários com acesso à Internet**



Considerando que a maioria das bibliotecas da RFEPECT atende até 999 alunos (Gráfico 09) e que os dados acima informam que a maioria das bibliotecas oferecem até 10 computadores, pode-se inferir que a média de equipamentos oferecidos é de 1 computador para cada 99 usuários. Esse resultado demonstra que a oferta está muito aquém da quantidade considerada ideal para o bom atendimento dos usuários, pois, segundo os indicadores e critérios sugeridos por Lubisco (2011),

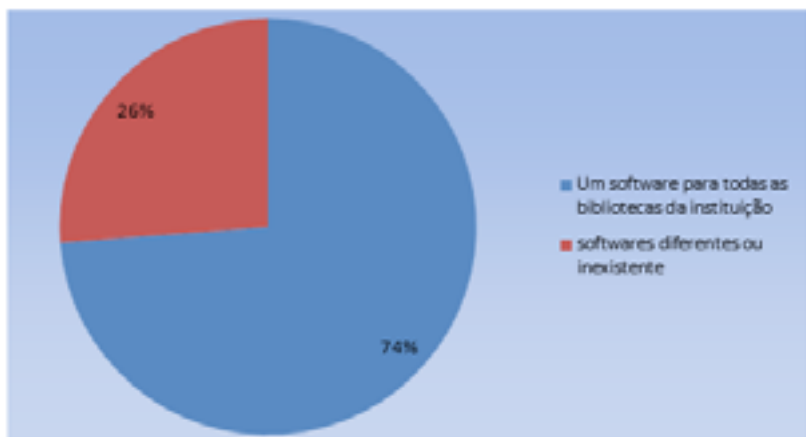
- a) Para o padrão nível 5 - as bibliotecas contam com 1 micro/10 usuários;
- b) Para o padrão nível 4 - as bibliotecas contam com 1 micro/10 a 15 usuários;
- c) Para o padrão nível 3 - as bibliotecas contam com 1 micro/15 a 20 usuários.

Enfim, os resultados obtidos em relação à infraestrutura física demonstram que é necessário ampliar investimentos nessa área, especialmente no tocante à ampliação do espaço físico das bibliotecas, para que possam oferecer seus serviços em plenitude.

## 5.5. *Software* de gestão de bibliotecas

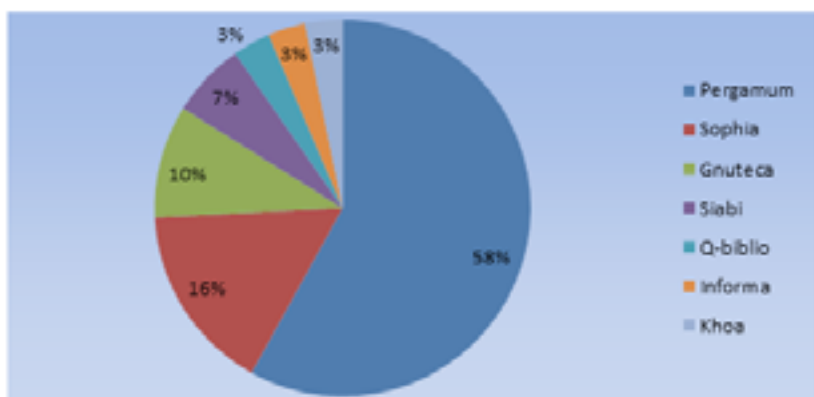
Requisito muito importante para um bom gerenciamento de todos os serviços e produtos das bibliotecas de uma instituição é o *software* utilizado para a gestão dos acervos. Os resultados em relação ao seu uso para gerenciamento da coleção e serviços (dados atualizados em 2015), conforme demonstra o Gráfico 11, apontam que, das 42 Instituições que compõem a RFEPECT, bibliotecas de 31 delas (74%) adotam o mesmo sistema de gerenciamento, e bibliotecas de 11 instituições (26%) utilizam *softwares* diversos ou não possuem *software*.

**Gráfico 12 - Uso de *softwares* de gestão de acervo nas instituições da Rede (dados atualizados em 2015)**



Dentre as 31 instituições da RFEPT que utilizam *softwares* para gerenciamento de acervos multiusuários, ou seja, utilizam o mesmo sistema para todas as bibliotecas, destaca-se que o Sistema Pergamum (58%) é utilizado na maioria das instituições; em segundo lugar, o Sophia (16%), seguido pelo Gnuteca (10%), conforme mostra o Gráfico 13.

**Gráfico 13 - *Softwares* multiusuários de gestão de acervo utilizados**



A informatização dos acervos e serviços nas bibliotecas é uma das questões básicas para permitir o seu funcionamento minimamente adequado.

## 5.6. Serviços oferecidos

A interação da biblioteca e do bibliotecário junto a seus usuários acontece por meio dos serviços que este setor oferece/disponibiliza. Muitos alunos, ou até mesmo docentes e técnicos administrativos, ainda possuem a visão retrógrada de que a biblioteca é somente útil quando precisam de uma obra para consulta ou empréstimo.

O universo atual de serviços que uma biblioteca pode oferecer amplia-se constantemente. Para efeito desta pesquisa, considerando o momento de estruturação da maioria das bibliotecas da Rede, optou-se por oferecer, no questionário, aos respondentes, uma lista composta dos serviços básicos comumente realizados em bibliotecas, para múltipla escolha. Os resultados demonstram que a maioria das bibliotecas oferece apenas 7 tipos de serviços dentre uma lista de 17 opções, que são: empréstimo domiciliar, levantamento bibliográfico, elaboração de ficha catalográfica, rede *wireless*, visita orientada, consulta, renovação e reserva de materiais de forma *online* (Gráfico 14):

Gráfico 14 - Serviços oferecidos nas bibliotecas

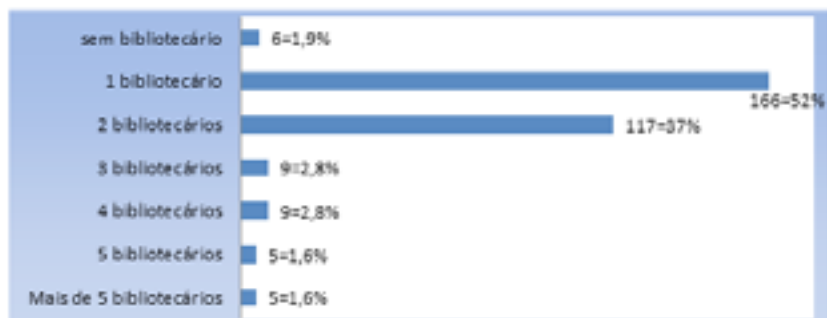


Constata-se também que o serviço de consulta ao acervo *online* ainda não é oferecido por 100% das bibliotecas como deveria ser, assim como os serviços de renovação e reserva *online*. Provavelmente, essa lacuna deve-se à ausência de *software* de gerenciamento de acervos que viabilize essa função. Serviços voltados à educação do usuário, como treinamentos e serviços de apoio à pesquisa e à leitura, ainda são mais escassos.

## 5.7. Equipe

Conforme mostra o Gráfico 15, no tocante ao número de bibliotecários atuando nas bibliotecas, constatou-se que a maioria delas conta com 1 bibliotecário (52%) ou 2 bibliotecários (37%).

**Gráfico 15 - Número de bibliotecários por biblioteca**



Com esse resultado, confirma-se a política do governo em disponibilizar vagas para que todas as bibliotecas da Rede tenham, no mínimo, 1 bibliotecário. Provavelmente as 6 bibliotecas sem bibliotecário se referem a unidades recentemente criadas no aguardo da chegada do profissional. Considera-se ideal, mesmo em bibliotecas de pequeno porte, que, em havendo atendimento ao público nos três turnos, deve-se ter presente, pelo menos, 1 bibliotecário em todos os períodos.

Em relação à equipe de pessoas que atuam na biblioteca, pode-se observar, por meio do Gráfico 16, que o quantitativo de estagiários atuando nas bibliotecas da RFEPT é bastante expressivo. Essa presença denota necessidade de ampliação do número de vagas de servidores efetivos, como auxiliares de biblioteca, para suprir as demandas mínimas de atendimento ao usuário e organização das estantes (principais serviços desenvolvidos por estagiários).

## Gráfico 16 – Pessoas que trabalham nas bibliotecas



No instrumento de avaliação de BU, apresentado por Lubisco (2011, p. 50), existem alguns parâmetros que sugerem um quantitativo de pessoal ideal para atuar nas bibliotecas:

- a) 1 bibliotecário/400 a 500 alunos;
- b) 1 auxiliar de biblioteca/ até 500 alunos;
- c) 1 bibliotecário-chefe/setor do OC e das Bibliotecas Setoriais;
- d) 2 estagiários/bibliotecário para os serviços ao usuário (auxílio na localização de material, empréstimo, comutação bibliográfica) e apoio aos serviços técnicos (pré-catalogação e catalogação cooperativa, reposição de material nas estantes, etiquetagem).

Tendo em vista a realidade da RFEPC e com base nesses parâmetros, pode-se afirmar que, para bibliotecas que atendem até 500 alunos, são necessários: 1 bibliotecário, 1 auxiliar de biblioteca e 2 estagiários. Importante salientar que, dependendo do horário de atendimento ao público da biblioteca, esses números podem e devem aumentar.



## 5.8. Acessibilidade

A inclusão social de pessoas com necessidades especiais perpassa as condições físicas e ambientais que as permitem circular e fazer uso dos equipamentos e recursos disponíveis. Sobre essa questão, podemos observar que as bibliotecas carecem de melhores condições quanto à acessibilidade. O Gráfico 17 mostra que menos de 50% dos respondentes afirmam ter estrutura física que permite a mobilidade de um cadeirante entre as estantes ou espaços de uso comum.

Gráfico 17 – Acessibilidade em bibliotecas



Os baixos níveis de acessibilidade nos ambientes da biblioteca provavelmente se devem à destinação de espaços reduzidos para a sua instalação, como pode ser visto no Gráfico 9, que demonstra que a maioria das bibliotecas ocupam espaços entre 70m<sup>2</sup> e 500m<sup>2</sup>. Quanto aos acervos e equipamentos especiais, a situação torna-se mais crítica e constitui um caminho longo a ser trilhado pelas bibliotecas, a fim de melhorar os níveis de acessibilidade.



## 6. Considerações finais

O diagnóstico apresentado permitiu levantar dados indicativos que podem contribuir para o desenvolvimento de novos modelos de gestão de bibliotecas para esta rede de educação profissional, como também para as demais bibliotecas. Macedo (2005, p. 409) lembra que “[...] faltam diagnósticos e pesquisas sociológicas que, providas de informações estatísticas fidedignas, possam levar a melhor entendimento dos problemas sociais, econômicos e educacionais do país, tendo a biblioteca como referência”.

O panorama da gestão das bibliotecas que compõem a RFEPCT abrangem aspectos referentes à estrutura organizacional, acervos, *software* de gerenciamento, espaço físico, serviços, pessoal e acessibilidade. E a análise de seus resultados nos instiga a reflexões sobre o futuro dessas bibliotecas e acerca de quais caminhos devemos seguir para que todas as instituições da RFEPCT possam ter bibliotecas que se expandam de forma sólida, tornando-se cada vez mais aptas a atender às necessidades informacionais e educacionais dos usuários.

Sobre a estruturação organizacional das bibliotecas, já é consenso entre os bibliotecários os benefícios de se trabalhar de forma integrada com as bibliotecas de cada instituição, bem como de articular-se com todas as bibliotecas pertencentes à RFEPCT. Sendo assim, sugere-se que as bibliotecas de cada instituição desenvolvam seus serviços de forma integrada e sistêmica, por meio da estruturação de seu Sistema de Bibliotecas.

Que todos os Sistemas de Bibliotecas (SIBIs) estejam presentes nos organogramas, preferencialmente vinculados diretamente à Reitoria ou à Pró-Reitoria de Ensino. Os próximos passos a serem alcançados para se investir na qualidade da gestão referem-se à transformação dos órgãos coordenadores de SIBIs em unidades orçamentárias, obtendo-se, com isso, maior autonomia de Gestão, assim como a definição regimental quanto ao percentual dos recursos anuais a serem destinados às bibliotecas.

Em relação à estrutura organizacional das bibliotecas em cada *campus*, sugere-se a criação de coordenações locais para cada biblioteca, sob a responsabilidade de um bibliotecário de carreira, e que essa estrutura esteja presente no organograma vinculada diretamente à Direção-Geral ou Diretoria-Geral de Ensino.

A respeito dos acervos, pôde-se constatar que as instituições têm realizado investimentos na aquisição de obras impressas, mas que ainda

existem poucos investimentos no tocante a acervos digitais. Sugere-se, como parâmetro de análise do quantitativo de acervos, de forma geral, a referência mínima de 10 exemplares de livros para cada aluno matriculado, considerando sempre sua adequação aos Projetos Políticos Pedagógicos de Curso e sua atualização. Também propõe-se a ampliação anual do acervo na proporção de 1 exemplar por aluno.

Quanto ao uso de *softwares* de gerenciamento dos acervos, pôde-se constatar que existe uma conscientização clara entre os bibliotecários sobre a necessidade de integração informatizada, e espera-se que se busque constantemente pela qualidade desses *softwares*, a fim de que ofereçam as respostas adequadas às demandas.

Sobre os espaços físicos destinados às bibliotecas, há pontos controversos. Pôde-se constatar um grande número de bibliotecas com espaços físicos inadequados para atender as suas demandas. Essa inadequação ficou mais evidente diante das respostas referentes ao quesito acessibilidade, visto que a maioria das bibliotecas não oferece espaços de mobilidade aos cadeirantes, tanto nas áreas comuns como entre as estantes. É necessário se pensar em projetos de bibliotecas não centradas em acolher acervos, mas em acolher pessoas, de modo a se tornarem amplos ambientes de convivência para troca de saberes.

A oferta de serviços ainda carece de ampliação, especialmente os relacionados às áreas de treinamentos, educação para a pesquisa, uso da informação e formação do leitor. Para que esse processo de melhoria aconteça, faz-se necessário ampliar o número de servidores e investir na sua capacitação, para que possam realizar serviços diferenciados e de alto valor agregado a seus usuários.

A força motriz primária para alavancar a melhoria da qualidade das bibliotecas é a presença incondicional de bibliotecários, pois:

- os BIBLIOTECÁRIOS LOCAIS lideram a linha de frente e são os responsáveis pelo contato direto com os usuários; eles implantam os serviços, gerenciam suas unidades e conhecem profundamente a realidade do dia a dia nas bibliotecas;
- os BIBLIOTECÁRIOS LÍDERES DE SISTEMAS DE BIBLIOTECAS são os responsáveis por fortalecer as conexões e integração de todos. Estão a serviço da equipe, promovendo o compartilhamento de saberes e a produção de novos conhecimentos e serviços. Atuam como elo entre as bases e as esferas superiores, assim como disseminam novas ideias e práticas;

- a REDE DE LÍDERES LOCAIS E DE LÍDERES DE SISTEMAS compõe a grande Rede de Bibliotecas em nível nacional, coordenada pela Comissão Brasileira de Bibliotecas – CBBI.

A pesquisa serviu de base para que bibliotecários e gestores que compõem a RFEPCT se organizassem e começassem a pensar ou repensar suas bibliotecas. As autoras proferiram palestras sobre este estudo, no ano de 2014, nos seguintes eventos: no VII Seminário Brasileiro das Bibliotecas das Instituições da RFEPCT, realizado pelo Instituto Federal Sul de Minas, em Pouso Alegre – MG; na III Reunião Técnica da CBBI, evento simultâneo ao XVIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU), em Belo Horizonte – MG; no IV Encontro de Bibliotecários do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, em Passo Fundo – RS; no II Fórum de Bibliotecários do Instituto Federal de Santa Catarina, realizado em Florianópolis; na reunião do Fórum de Dirigentes de Ensino (fórum composto pelos pró-reitores de ensino dos Ifs), em Brasília – DF; e no I Encontro de Representantes de Bibliotecas do Instituto Federal do Amazonas, em Manaus.

Por fim, espera-se que os resultados alcançados contribuam para que os gestores das Instituições conheçam e reconheçam aspectos importantes referentes à complexa dinâmica que envolve a gestão de bibliotecas. Trouxemos para este livro ideias inovadoras nacionais e internacionais, com o objetivo de nos espelhar nesses conceitos e praticá-los, transformando os ambientes das bibliotecas, para que façam a diferença na vida das pessoas. Conhecer a nossa realidade oportuniza e oferece subsídios para discussão e implementação de novas políticas e práticas para o desenvolvimento de bibliotecas, a fim de que esses ambientes se tornem cada vez mais capazes de interferir positivamente nos processos de ensino, pesquisa, extensão, inovação e administração, em consonância com os objetivos e finalidades da RFEPCT.



# Referências

AGOSTINHO, Marcia Cristina Esteves. Administração complexa: revendo as bases científicas da administração. **RAE-eletrônica**, São Paulo, v.2, n.1, jan./jun.2003.

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. **Planejamento de bibliotecas e serviços de informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2000.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Profissional bibliotecário: um pacto com o excludente. In: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pí-nheiro Machado (Org.). **Profissional da informação**: o espaço de trabalho. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 70-86.

\_\_\_\_\_. Profissional da informação: entre o espírito e a produção. In: VA-LENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **O profissional da informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. p. 31-51.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). **Standards for libraries in higher education**. Chiago: ALA, 2011.

ARAUJO, Paula Carina de; PEREIRA, Suzana Zulpo; OLIVEIRA, Maria Emília Pecktor de. Compartilhamento de informação e conhecimento: inserindo práticas de gestão do conhecimento num sistema de bibliotecas universitárias federais. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.15, n.1, p. 244-259 jan./jun., 2010.

BAPTISTA, Dulce Maria. Entre a informação e o sonho: o espaço da biblioteca contemporânea. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 19, n. 1, p. 19-27, jan./abr. 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BECKER, Caroline da Rosa Ferreira. **Gestão de bibliotecas escolares com foco nas quatro funções gerenciais**: estudo de caso nas bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense. 2010. 236 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://pgcin.paginas.ufsc.br/files/2010/10/BECKER-Caroline.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto nº **5.224, de 1º de outubro de 2004**. Dispõe sobre a organização dos Centros Federais de Educação Tecnológica e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5224.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5224.htm)>. Acesso em: 13 out. 2015.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Disponível em: <<http://www2.mec.gov.br/sapiens/portarias/dec5773.htm>>. Acesso em: 13 out. 2015.

\_\_\_\_\_. Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 30 dez. 2008a. Disponível em: <<http://www.in.gov.br>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Censo escolar 2009**. Brasília, 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15499:lei-que-exige-criacao-de-bibliotecas-atinge-maior-parte-das-escolas-&catid=211](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15499:lei-que-exige-criacao-de-bibliotecas-atinge-maior-parte-das-escolas-&catid=211)>. Acesso em: 12 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Expansão da Rede Federal**. 2014a. Disponível em: <<http://redefederal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal>>. Acesso em: 29 set. 2015.



\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Institutos Federais de Ciência, Educação e Tecnologia**: concepções e diretrizes, 2008b. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/ifets\\_livreto.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/ifets_livreto.pdf)>. Acesso: 02 out. 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Instrumento de avaliação institucional externa**: subsidia os atos de credenciamento, reconhecimento e transformação da organização acadêmica (presencial). Brasília, ago. 2014b. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/avaliacao\\_institucional/instrumentos/2014/instrumento\\_institucional.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_institucional/instrumentos/2014/instrumento_institucional.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2015.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Instrumento de avaliação de cursos de graduação: presencial e a distância**. Brasília, ago. 2015. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/avaliacao\\_cursos\\_graduacao/instrumentos/2015/instrumento\\_cursos\\_graduacao\\_publicacao\\_agosto\\_2015.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_cursos_graduacao/instrumentos/2015/instrumento_cursos_graduacao_publicacao_agosto_2015.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2015.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zorge Zahar, 2003.

CAFÉ, Lígia; SANTOS, Christophe dos; MACEDO, Flávia. Proposta de um método para escolha de *software* de automação de bibliotecas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 70-79, maio/ago. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n2/6213.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2009.

CAMPELLO, Bernadete Santos et al. **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CARVALHO, Dóris de Queiroz. **Biblioteca de escolas técnicas industriais**: manual de organização e funcionamento. Brasília: Fundação IBGE, 1970.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. v.1.

CÔRTE, Adelaide Ramos e et al. **Avaliação de softwares para bibliotecas e arquivos**: uma visão do cenário nacional. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Polis, 2002.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

D'AMARAL, Márcio Tavares. Sobre “sociedade do conhecimento”: um labirinto e uma saída. **Tempo Brasileiro**, n.152, p.33-42, jan./mar.2003.

DANTE, Gloria Ponjuán. Perfil del profesional de información del nuevo milênio. In: VALENTIM, Marta Pomim. **Profissionais da informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. p. 91-105.

DELCIN, Rosemeire Carvalho do Amaral. A metamorfose da sala de aula para o ciberespaço. In: \_\_\_\_\_. **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. p. 56-83.

DOCUMENTOS DA CÚPULA MUNDIAL SOBRE A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. **Genebra 2003 e Túnis 2005**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014. Disponível em: <[http://cgi.br/media/docs/publicacoes/1/CadernosCGIbr\\_DocumentosCMSI.pdf](http://cgi.br/media/docs/publicacoes/1/CadernosCGIbr_DocumentosCMSI.pdf)>. Acesso em: 01 set. 2015.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **O novo papel da administração**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

EVANS, G. Edward; WARD, Patrícia Layzell; RUGAAS, Bendik. **Management basics for information professionals**. New York, London: Neal-Schuman, 2000.

FAQUETI, Marouva Fallgatter; BECKER, Caroline da Rosa Ferreira; FONTANA, Nauria Inês. A presença das bibliotecas nas estruturas organizacionais dos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia. In: Fórum Nacional

de Bibliotecários dos Institutos Federais, 4, 2011. **Anais...** Petrolina: Instituto Federal do Sertão Pernambucano, 2011. 1 CD-ROM.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Editora da USP, 2008.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECAS E INSTITUIÇÕES (IFLA). **Diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar**. Tradução Neusa Dias de Macedo. 2005. Disponível em: <[http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/SchoolLibraryGuidelines-pt\\_BR.pdf](http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/SchoolLibraryGuidelines-pt_BR.pdf)>. Acesso em: 29 jun. 2014.

FÓRUM NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS DOS INSTITUTOS FEDERAIS, VI. **Relatório do VI Fórum Nacional de Bibliotecários dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia**. Petrolina, Instituto Federal do Sertão Pernambucano, 2011.

GUIDELINES FOR UNIVERSITY LIBRARY SERVICES TO UNDERGRADUATE STUDENTS. **College & research libraries news**, EUA, vol. 75, n.2, p.93-100, fev. 2014. Disponível em: <<http://crln.acrl.org/content/75/2/93.full.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **IFLA school library guidelines**. 2. rev. ed. 2015. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Escolar da Educação Básica 2013**: resumo técnico. Brasília: O Instituto, 2014. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/resumos\\_tecnicos/resumo\\_tecnico\\_censo\\_educacao\\_basica\\_2013.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2013.pdf)>. Acesso em: 17 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **Resultado do Censo da Educação Básica 2009**. [2010]. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/download/censo/2009/TEXTO\\_DIVULGACAO\\_EDUCACENSO\\_20093.pdf](http://download.inep.gov.br/download/censo/2009/TEXTO_DIVULGACAO_EDUCACENSO_20093.pdf)>. Acesso em: 17 abr. 2015.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da leitura no Brasil. 3. ed. 2012. Disponível em: <[http://prolivro.org.br/home/images/relatorios\\_boletins/3\\_ed\\_pesquisa\\_retratos\\_leitura\\_IPL.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2015.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. Sociedade do conhecimento: passes e impasses. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 152, p.11-20, jan./mar.2003.

LÉVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org.). **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

\_\_\_\_\_. O ciberespaço como um passo meta evolutivo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org.). **A genealogia do virtual**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p.157-156.

LITTON, Gaston. **Administración de bibliotecas**. 2. ed. Buenos Aires: Bowker Editores Argentina, 1973.

LUBISCO, Nídia M. L. (Org.). **Biblioteca universitária**: elementos para o planejamento, avaliação e gestão. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5620/1/\\_Biblioteca.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5620/1/_Biblioteca.pdf)>. Acesso em: 27 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. Bibliotecas universitárias, seus serviços e produtos: transposição de um modelo teórico de avaliação para um instrumento operacional. **Pontodeacesso**, Salvador, v. 8, n. 3, p. 2-61, dez. 2014. Disponível em: < <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/12834/9273>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

MACEDO, Neusa Dias de (Org.). **Biblioteca escolar brasileira em debate:** da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: SENAC São Paulo: Conselho Regional de Biblioteconomia de São Paulo, 2005.

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org.). **A genealogia do virtual.** Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 20-32.

MATTELART, Armand. **História da sociedade da informação.** São Paulo, Edições Loyola, 2002.

MILLER, Doug. A organização do futuro: um camaleão em toda a sua glória. In: FUNDAÇÃO PETER FERDINAND DRUCKER (Org.). **A organização do futuro:** como preparar hoje as empresas de amanhã. 2. ed. São Paulo: Futura, 1997.

MOUTINHO, Sonia Oliveira Matos; LUSTOSA, Ianna Torres. As bibliotecas dos Institutos Federais frente às novas demandas gerenciais e informacionais causadas pela Lei 11.892/2008. In: Fórum Nacional de Bibliotecários dos Institutos Federais 6., outubro, 2011, Petrolina. **Anais...** Petrolina: Instituto Federal do Sertão Pernambucano, 2011.

PACHECO, Eliezer (org.). **Institutos Federais:** uma revolução na educação profissional e tecnológica. São Paulo: Moderna, 2011. Disponível em: <<http://www.moderna.com.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A7A83CB34572A4A01345BC3D5404120>>. Acesso em: 29 set. 2015.

PENNA, Carlos Victor. **Planeamiento de servicios bibliotecários y de documentación.** 2. ed. rev. aum. París: UNESCO, 1970.

PERROTTI, Edmir; VERDINI, Antonia de Sousa. *Estações do conhecimento:* espaços e saberes informacionais. In: ROMÃO, Lucília Maria Sousa (Org.). **Sentidos de biblioteca escolar.** São Carlos: Compacta, 2008.

PIERUCCINI, Ivete. Biblioteca escolar, pesquisa e construção de conhecimento. In: ROMÃO, Lucília Maria Sousa (Org.). **Sentidos de biblioteca escolar**. São Carlos: Compacta, 2008.

PRADO, Heloísa de Almeida. **Organização e administração de bibliotecas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

PROGRAMA DE LAS NACIONES UNIDAS PARA EL DESAROLLO. **Informe sobre desarrollo humano 2014**: resumen. New York: PBM, 2014. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/arquivos/RDH2014es.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

PUPO, Deise Tallarico; MELO, Amanda Meincke; FERRÉS, Sofia Pérez. **Acessibilidade**: discurso e prática no cotidiano das bibliotecas. Campinas (SP): UNICAMP/Biblioteca Central Cesar Lattes, 2006. Disponível em: <[http://www.todosnos.unicamp.br:8080/lab/producao/livro\\_acessibilidade\\_bibliotecas.pdf/view](http://www.todosnos.unicamp.br:8080/lab/producao/livro_acessibilidade_bibliotecas.pdf/view)>. Acesso em: 16 out. 2015.

RAMOS, Marise. **Concepção de ensino médio integrado**. [S.l.: s.n.], 2008, p. 1-30. Disponível em: <[http://www.iiep.org.br/curriculo\\_integrado.pdf](http://www.iiep.org.br/curriculo_integrado.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2012.

RASCHE, Francisca; VARVAKIS, Gregório. Bibliotecas públicas e seus serviços. In: SOUZA, Francisco das Chagas de; CUNHA, Miriam Vieira da (Org.). **Comunicação, gestão e profissão**: abordagens para o estudo da ciência da informação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa (Org.). **Sentidos de biblioteca escolar**. São Carlos: Compacta, 2008.

RUEDA, Rafael. **Bibliotecas escolares**: guía para el profesorado de educación primaria. Madrid: Narcea, 1998.

SANTOS, Cíntia Almeida da Silva; HOFFMANN, Wanda Aparecida Machado; BOCCATO, Vera Regina Casari. Os múltiplos olhares para as bibliotecas

dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. In: FÓRUM NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS DOS INSTITUTOS FEDERAIS, 6., outubro, 2011, Petrolina. **Anais...** Petrolina: Instituto Federal do Sertão Pernambucano, 2011.

SILVA, Edna Lúcia da; CUNHA, Miriam Vieira da. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 77-82, set./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n3/a08v31n3.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **De olhos abertos**: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SOUZA, Francisco da Chagas de. **Biblioteconomia no Brasil**: profissão e educação. Florianópolis: Associação Catarinense de Bibliotecários: Biblioteca Universitária da UFSC, 1997.

\_\_\_\_\_. Ensina-se corretamente o que se ensina a quem vai ser bibliotecário? **Revista ACB**: biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.1, n.1, 1996.

STEFANI, Rosaly. **Leitura, que espaço é esse?** Uma conversa com educadores. São Paulo: Paulus, 1997.

TAKAHASHI, Tadao. **Sociedade da Informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (Org.). **O profissional da informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000.

VAZ, Paulo. Mediação e tecnologia. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Orgs.). **A genealogia do virtual**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 216 -238.

WOLTON, Dominique. Pensar a Internet. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org.). **A genealogia do virtual**. Porto Alegre: Sulina, p. 149-156. 2004.





## APÊNDICE

### QUESTIONÁRIO

**NOME DA INSTITUIÇÃO:**

---

Nome do *Campus*: \_\_\_\_\_

Telefones da biblioteca: ( ) \_\_\_\_\_

**Obs. Se o *campus* tiver 2 bibliotecas ou mais, favor preencher 1 questionário para cada biblioteca.**

**Nome e e-mail do Bibliotecário que responde este questionário:**

Nome: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

#### SOBRE A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

**1) A biblioteca está presente no Organograma do *Campus*?**

( ) Sim. ( ) Não. ( ) Em processo de estruturação. ( ) Em estudos iniciais.

1a) Se positivo, está representada como: ( ) Coordenação ( ) Direção.

1b) Qual a FG ou CD atrelada à Coordenação e/ou Direção?  
\_\_\_\_\_.

1c) Qual a área/setor ao qual a biblioteca está vinculada diretamente? (Descreva até quatro níveis superiores)

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**2) Existe uma Coordenação/Direção-Geral das Bibliotecas na Reitoria?**

( ) Sim. ( ) Não. ( ) Em processo de estruturação. ( ) Em estudos iniciais.

2a) Se positivo, está representada como: ( ) Coordenação ( ) Direção

2b) Em caso positivo, qual a FG ou CD atrelada à Coordenação e/ou Direção?

\_\_\_\_\_

2c) Qual a área/setor à(ao) qual esta coordenação/direção das bibliotecas está vinculada diretamente? (Descreva até quatro níveis superiores)

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Obs.** Envie, junto às suas respostas, o organograma/estrutura organizacional do *Campus*/Instituto, quando a biblioteca estiver presente neste documento.

#### ORGANIZAÇÃO - ACERVO, INFORMATIZAÇÃO, ESPAÇO FÍSICO

**3) Quantidade de acervo geral (livros, folhetos, DVDs, etc.):**

Número total de títulos (pode ser um valor estimado): \_\_\_\_\_

Número total de exemplares (pode ser um valor estimado): \_\_\_\_\_

3a) Tipos e quantidade estimada de materiais do acervo:

TIPO	QUANTIDADE ESTIMADA (exemplares/unidades)
( ) Livros – Acervo geral	
( ) Livros Didáticos do PNLEM	
( ) Obras de referência	
( ) DVDs	
( ) CDs	
( ) Música	
( ) Bases de dados (CAPES)	
( ) Mapas	
( ) Videogames	
( ) Folhetos	
( ) Obras raras	
( ) Periódicos	
( ) Relatórios de estágio	
( ) Literatura cinzenta (teses, dissertações, monografias)	
( ) Outros. O quê?	

**4) Quantidade de alunos:**

Quantidade de alunos regularmente matriculados: \_\_\_\_\_

**5) Há sistema de informatização na biblioteca?**

( ) Sim. ( ) Não.

5a) Se positivo, qual o nome desse sistema? \_\_\_\_\_.

5b) É sistema padrão nos demais *campi*/unidades da Instituição?

( ) Sim. ( ) Não.

**6) Quanto às instalações físicas da biblioteca:**

6a) Qual o espaço físico total da biblioteca em m<sup>2</sup>? \_\_\_\_\_.

6b) Na tabela abaixo, responda, em escala numérica de 1 a 5 (sendo que 1 representa menor grau de atendimento ou adesão, e 5, maior grau de atendimento ou adesão):

A biblioteca situa-se numa área Central?	( ) 1	( ) 2	( ) 3	( ) 4	( ) 5
É de fácil acesso (perto das áreas de ensino)?	( ) 1	( ) 2	( ) 3	( ) 4	( ) 5
A temperatura ambiente é adequada?	( ) 1	( ) 2	( ) 3	( ) 4	( ) 5
O local onde a biblioteca está instalada é uma área com baixo nível de ruídos?	( ) 1	( ) 2	( ) 3	( ) 4	( ) 5
A iluminação é suficiente e apropriada?	( ) 1	( ) 2	( ) 3	( ) 4	( ) 5
O mobiliário é adequado?	( ) 1	( ) 2	( ) 3	( ) 4	( ) 5
O ambiente é adequado ao número de usuários que atende?	( ) 1	( ) 2	( ) 3	( ) 4	( ) 5

6c) Assinale com um “X” os Setores/ambientes existentes:

<input type="checkbox"/> Coleção de livros	<input type="checkbox"/> Área de estudo individual
<input type="checkbox"/> Área de referência	<input type="checkbox"/> Salas de estudo em grupo
<input type="checkbox"/> Coleção de periódicos	<input type="checkbox"/> Espaços para leitura
<input type="checkbox"/> Materiais Especiais (teses e dissertações; fitas; DVDs; CDs; mapas; cartas; globo; realia)	<input type="checkbox"/> Setor de trabalho da equipe de funcionários
<input type="checkbox"/> Balcão de atendimento	<input type="checkbox"/> Áreas informais
<input type="checkbox"/> Sala para uso multimeios	<input type="checkbox"/> Área de computadores
<input type="checkbox"/> Espaço para exposições	<input type="checkbox"/> Miniauditório ou auditório
<input type="checkbox"/> Outros:	

6d) Informe a quantidade de equipamentos eletrônicos e audiovisuais disponíveis:

TIPO	QUANTIDADE ESTIMADA
Estações de trabalho com computadores e acesso à Internet para usuários	
Estações de computador para consulta ao acervo	
Estações de trabalho com computadores e acesso à Internet para uso exclusivo dos servidores da biblioteca	
Datashow	
Televisão	
Rede <i>weireless</i>	
Aparelho de DVD	
Leitores de CD-ROM	
Scanners	
Outro:	
Outro:	

6e) Quanto à ACESSIBILIDADE, assinale com um “X” as opções disponíveis:

<input type="checkbox"/> Vagas sinalizadas para veículos	<input type="checkbox"/> Acesso livre de barreiras arquitetônicas e obstáculos
<input type="checkbox"/> Mobilidade dentro da biblioteca para cadeirante (1,20 cm entre as estantes para circulação de um cadeirante e uma pessoa (NBR 9050, seção 4.3))	<input type="checkbox"/> Equipamentos adequados (computadores especialmente destinados a portadores de necessidades especiais – visuais e físicas)
<input type="checkbox"/> Acervo especial	<input type="checkbox"/> Sinalização em braile e sonora
<input type="checkbox"/> Banheiro acessível	
<input type="checkbox"/> Outros:	

## SERVICÇOS

### 7) Serviços oferecidos

<input type="checkbox"/> Consulta ao acervo <i>online</i>	<input type="checkbox"/> Empréstimo domiciliar
<input type="checkbox"/> Renovação e reserva <i>online</i>	<input type="checkbox"/> Empréstimo entre bibliotecas da instituição
<input type="checkbox"/> Reprografia	<input type="checkbox"/> Empréstimo entre bibliotecas de outras instituições
<input type="checkbox"/> Impressão	<input type="checkbox"/> Levantamento bibliográfico
<input type="checkbox"/> Scanner	<input type="checkbox"/> DSI
<input type="checkbox"/> Serviço de alerta	<input type="checkbox"/> Visitas orientadas
<input type="checkbox"/> Serviços voltados ao estímulo à leitura (rodas de leitura, hora do conto, saraus literários, feiras de livros, etc.)	<input type="checkbox"/> Serviços dirigidos ao estímulo à pesquisa (treinamentos sobre uso de materiais informacionais, tutoriais, orientações ao uso das normas da ABNT, etc.)
<input type="checkbox"/> Elaboração de fichas catalográficas	<input type="checkbox"/> Treinamento para utilização do Portal de Periódicos da CAPES
<input type="checkbox"/> Outros:	

## EQUIPE

### 8) Equipe de funcionários atuantes na biblioteca:

<b>Bibliotecário:</b> ( ) Sim. Quantos? _____ ( ) Não	<b>Auxiliar de biblioteca:</b> ( ) Sim. Quantos? _____ ( ) Não
<b>Assistente administrativo:</b> ( ) Sim. Quantos? _____ ( ) Não.	<b>Readaptados:</b> ( ) Sim. Quantos? _____ ( ) Não.
<b>Terceirizados:</b> ( ) Sim. Quantos? _____ ( ) Não.	<b>Estagiários:</b> ( ) Sim. Quantos? _____ ( ) Não.

(Fonte: Questionário readaptado a partir da dissertação desenvolvida pela bibliotecária Caroline da Rosa Ferreira Becker).





Marouva Fallgatter Faqueti atua, desde 1996, como bibliotecária no Instituto Federal Catarinense - *Campus* Camboriú, antigo Colégio Agrícola de Camboriú, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde exerceu a função de coordenadora do Sistema Integrado de Bibliotecas de 2013 a 2015. É especialista em Estratégias e Qualidade em Sistemas de Informação, pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), mestre em Engenharia de Produção pela UFSC e doutoranda no Programa de Engenharia e Gestão do Conhecimento, na UFSC. Após a reestruturação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPECT), em 2008, contribuiu diretamente para a criação da Comissão Brasileira de Bibliotecas da RFEPECT, em 2012, na qual assumiu como presidente na gestão 2014/2016.

Caroline da Rosa Ferreira Becker atua, desde 2004, como bibliotecária no Instituto Federal Catarinense - *Campus* Rio do Sul, antiga Escola Agrotécnica Federal de Rio do Sul. É especialista em Educação: Leitura, Literatura e Letramento; e mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em 2013, venceu o prêmio Da Vinci Huis para o Brasil. Após a reestruturação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPECT), em 2008, contribuiu diretamente para a criação da Comissão Brasileira de Bibliotecas da RFEPECT (CBBi), na qual atua como coordenadora do Grupo de Trabalho Gestão de Bibliotecas desde 2012, como coordenadora do Grupo de Trabalho Gestão de Pessoas desde 2014, e como representante titular da Região Sul desde 2014.

